

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA PLENA DE PEDAGOGIA**

MÁRCIA MARIA SOARES PAIVA

A AFETIVIDADE E O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

**Parintins
2018**

MÁRCIA MARIA SOARES PAIVA

A AFETIVIDADE E O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Trabalho de conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, pela Universidade do Estado do Amazonas apresentado como exigência para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Msc. Ruth Cristina Soares Gomes Araújo.

**Parintins
2018**

MÁRCIA MARIA SOARES PAIVA

A AFETIVIDADE E O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Trabalho de conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, pela Universidade do Estado do Amazonas apresentado como exigência para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Aprovado em 11/12/2018.

BANCA EXAMINADORA

Msc. Ruth Cristina Soares Gomes Araújo

Universidade do Estado do Amazonas

Dra. Georgina Terezinha Brito de Vasconcelos

Universidade do Estado do Amazonas

Msc. Francisca Keila de Freitas Amoêdo

Universidade do Estado do Amazonas

Dedicatória

*Dedico em especial a minha mãe, Elvina,
e meus filhos; Pablo P. Dias e Vitor Dias.*

Agradecimentos

A Deus pela força divina e por todos os momentos de bênção alcançadas.

A minha família, em especial aos meus filhos Pablo A. Paiva Dias e Vitor P. Dias. Foram minha inspiração nessa caminhada.

A professora orientadora Prof^a. Msc. Ruth Cristina Soares Gomes Araújo. Pelas importantes orientações, pela humildade de está sempre disposta a me ajudar na construção desse projeto.

Minha mãe, Elvina S. Paiva. Meus irmãos Jorge, Graça, Elvina, Raimundo, Ednelza, Euller, Odair, Rosineide, André e Paula. Pelo apoio durante esta trajetória acadêmica.

Meu marido, amigo Carlos A. S. Dias, pela compreensão, pelo apoio nesse percurso.

Aos meus amigos e colegas de graduação, pela troca de conhecimento e pela amizade que se sedimentou ao longo dessa trajetória.

A escola, os estudantes e a professora, que contribuíram na pesquisa.

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa que teve como objetivo principal analisar em que medida a afetividade interfere no processo ensino-aprendizagem dos estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental. A pesquisa surgiu a partir de indagações vivenciadas no período de estágio onde observamos que as crianças apresentavam vários comportamentos que denunciavam emoções e sentimentos diversificados. Diante disso, delineamos os objetivos específicos: Identificar quais os sentimentos e emoções os estudantes demonstram com mais evidência na sala de aula; verificar de que maneira o professor lida com a afetividade no processo ensino-aprendizagem, e; descobrir em quais situações os estudantes demonstram maior facilidade de aprendizagem. Para tanto, foi realizado um estudo bibliográfico e de campo, na qual fundamentou-se em autores, como Cosenza e Guerra (2011), Kandel (2014), Damásio (2015), Sternberg (2010) Wallon (1941), Arantes (2003), Galvão (2011) e outros que discutem a temática com muita propriedade. A pesquisa justifica-se por ser uma inquietação pessoal desde que iniciamos a graduação, mas especificamente as disciplinas de Psicologia e pela necessidade de ampliar as discussões sobre a relação indissociável entre aquilo que diariamente nos afeta e nossa capacidade de aprender, nossa cognição. Trata-se de uma pesquisa qualitativa em que permite uma compreensão do cotidiano escolar, com o método de abordagem dialético, pois compreende a realidade como totalidade concreta constituída por sujeitos ativos e historicamente constituídos. Os dados coletados foram a partir de observação participante e entrevista semiestruturada à professora da turma. Na pesquisa ficou evidente que as questões afetivas interferem diretamente na aprendizagem dos estudantes, seja de maneira positiva ou negativa, pois as crianças ainda não possuem controle de suas emoções e sentimentos permitindo que se misturem com a capacidade de aprender.

Palavras-Chaves: Afetividade; Ensino-aprendizagem; Professor.

ABSTRACT

This work is the result of a research that had as main objective to analyze to what extent the affectivity interferes in the teaching-learning process of the students of the 3rd year of Elementary School. The research emerged from questions experienced in the period of the stage where we observed that the children had several behaviors that denounced diverse emotions and feelings. In view of this, we outline the specific objectives: Identify which feelings and emotions the students demonstrate most clearly in the classroom; to verify how the teacher deals with affectivity in the teaching-learning process, and; find out in which situations students demonstrate greater ease of learning. For that, a bibliographic and field study was carried out, in which it was based on authors such as Cosenza and Guerra (2011), Kandel (2014), Damásio (2015), Sternberg (2010) Wallon (1941), Arantes (2003), Galvão (2011) and others who discuss the issue with great propriety. The research is justified because it is a personal concern since graduation, but specifically the disciplines of Psychology and the need to broaden the discussions about the inseparable relationship between what affects us daily and our ability to learn, our cognition. It is a qualitative research that allows an understanding of school everyday, with the method of dialectical approach, since it understands reality as a concrete totality constituted by active and historically constituted subjects. The data collected were from participant observation and semi-structured interview to the class teacher. In the research it was evident that affective issues directly interfere in students' learning, either positively or negatively, as children still do not have control of their emotions and feelings allowing them to blend with the capacity to learn.

Keywords: Affectivity; Teaching-learning; Teacher.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – A DIMENSÃO AFETIVA E A EDUCAÇÃO	12
1. O QUE É AFETIVIDADE?	12
1.1 Afetos, emoção e sentimento na infância.	13
1.2 A afetividade Walloniana	18
1.2.1 Henri Paul Wallon	18
1.2.2 Os estágios do desenvolvimento e sua relação com a afetividade	19
1.3. Afetividade no contexto educacional	22
1.3. 1 O papel da afetividade na aprendizagem	22
1.3. 2 A afetividade na relação professor- estudante	23
1.4. Neurociências e Afetividade	25
1.4.1 A Afetividade e o Cérebro	27
CAPÍTULO II – TRAJETO METODOLÓGICO	29
CAPITULO III – A AFETIVIDADE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	33
3.1 O Contexto da Pesquisa: Escola Municipal Beatriz Maranhão	33
3.2 Observando a afetividade dos estudantes	34
3.3 Opinião da professora quanto a afetividade na sala de aula	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
Referências	52

INTRODUÇÃO

É no cotidiano da sala de aula e nos momentos educativos que ocorrem na escola que fica evidente as dificuldades e necessidades que professores e estudantes possuem diariamente enquanto exercem seus respectivos papéis. São diversas situações que permitem que ambos estabeleçam relações que envolvem afetos, emoções e sentimentos que se misturam com a capacidade de ensinar e aprender. Afinal, os seres humanos se sobressaem pela capacidade de amar, odiar, sonhar, fantasiar e imaginar. Essa subjetividade constrói-se em meio à interação com outros seres humanos que também são afetados pelo comportamento, escolhas e modos de ser e pensar daqueles que estão ao seu redor.

Ao adentrarmos a sala de aula para realizarmos o Estágio II ficou evidente várias situações que afetam diretamente o processo ensino-aprendizagem, tais como: estudantes tímidos, tristes, raivosos, sem motivação para as atividades e aqueles que por sua cor de pele sofrem deboches dos colegas, o que deixam retraídos e revoltados. Todavia, havia demonstrações de alegria e satisfação de alguns por estarem ali. Isto nos possibilitou várias reflexões acerca das condições afetivas em que o processo ensino-aprendizagem ocorre. Desse modo, questionamos: Em que medida a afetividade interfere no processo ensino-aprendizagem dos estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Beatriz Maranhão no Município de Parintins-Am?

Para responder o problema apresentado nesta pesquisa, delineamos as seguintes questões norteadoras: Quais os sentimentos e emoções os estudantes demonstram com mais evidência na sala de aula? De que maneira o professor lida com a afetividade no processo ensino-aprendizagem? Quais situações os estudantes demonstram maior facilidade de aprendizagem.

Nesta perspectiva, a fim de trilhar os caminhos que nos levam a desvendar o objeto de estudo desta pesquisa, a afetividade no processo ensino-aprendizagem, elaboramos como objetivo geral analisar em que medida a afetividade interfere no processo ensino-aprendizagem dos estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Beatriz Maranhão no Município de Parintins-Am. Para tanto, delineamos como objetivos específicos: 1) Identificar quais os sentimentos e emoções os estudantes demonstram com mais evidência na sala de aula; 2) Verificar de que maneira o professor lida com a afetividade no processo ensino-aprendizagem; 3) Descobrir em quais situações os estudantes demonstram maior facilidade de aprendizagem.

Sendo afetividade e cognição conceitos complexos de discutir nos apropriamos de autores que por meio de suas pesquisas construíram conhecimentos sólidos sobre a relação recíproca entre as questões afetivas e a capacidade de aprender do ser humano. Nos detivemos exclusivamente nas questões que envolvem o contexto escolar, mais precisamente a sala de aula. Dentre esses teóricos utilizados para embasar este trabalho, destacamos Henri Wallon que é conhecido por estabelecer relações bem estreitas entre afetividade, emoção, sentimento e cognição. Além disso, buscamos conhecer o que as neurociências têm descoberto acerca de como o cérebro produz as emoções, pois estas compõem o campo da afetividade.

Diante disso, destacamos a relevância do estudo aqui proposto, por ser uma inquietação pessoal desde que iniciamos a graduação, mas especificamente as disciplinas de Psicologia; pela necessidade de ampliar as discussões sobre a relação indissociável entre aquilo que diariamente nos afeta e nossa capacidade de aprender, nossa inteligência; pela urgência que temos de pesquisas voltadas a esta temática e assim proporcionar conhecimentos sobre a relevância de considerar as questões afetivas como primordiais no processo ensino-aprendizagem.

Para o desenvolvimento desta investigação, optamos pela pesquisa qualitativa por ser uma abordagem metodológica que concebe a realidade educacional como um espaço de relações entre sujeitos que ao interagir com o meio modificam-se atribuindo qualidade e significado ao que realizam, visto que, a abordagem qualitativa assume a educação como um fenômeno integral e complexo. O materialismo dialético permitiu que enxergássemos objeto e sujeitos numa relação recíproca e dinâmica, onde o campo da afetividade não está isolado de outras capacidades inerentes ao ser humano, mas funde-se com a cognição num processo social de desenvolvimento contínuo.

Quanto às técnicas de pesquisa, utilizamos a observação e a entrevista. A observação foi fundamental para vivenciarmos situações diversas quanto aos comportamentos afetivos dos sujeitos: estudantes e a professora. A entrevista foi realizada com a professora da turma com o objetivo de aprofundarmos a opinião da mesma sobre a afetividade e sua relação com o processo ensino-aprendizagem.

Desse modo, este trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo trazemos autores que discutem com muita propriedade a afetividade no campo da educação, destacando a impossibilidade de separação entre afetos, emoções, sentimentos e cognição. O segundo capítulo apresenta o percurso metodológico trilhado para desvendar as peculiaridades do objeto de estudo pesquisado, enfatizando assim, o tipo de pesquisa, bem como o método de

abordagem utilizado e as respectivas técnicas de pesquisa. No terceiro capítulo, trazemos a análise e discussão dos resultados obtidos durante o processo investigativo, onde foram analisados à luz dos autores que sustentam teoricamente esta pesquisa.

Os resultados evidenciam que a afetividade interfere no processo ensino-aprendizagem na medida em que as crianças ainda não possuem domínio de seus afetos, emoções e sentimentos, deixando muito evidentes comportamentos afetivos que interferem diretamente na aprendizagem, como a raiva, a tristeza, a revolta, insegurança, assim como também a alegria, amor, motivação etc.

CAPÍTULO I – A DIMENSÃO AFETIVA E A EDUCAÇÃO

Estabelecer uma discussão entre a afetividade e a educação não é a tarefa mais simples de se fazer. Isso porque, embora a literatura sobre essa temática tenha se expandido nos últimos anos, é no contexto da sala de aula que percebemos as dificuldades que muitos profissionais da educação têm ao considerar que a afetividade é elemento primordial no processo de ensino-aprendizagem, sobretudo nas séries iniciais, onde as crianças não conseguem ainda ter controle de suas emoções e sentimentos. Neste capítulo discutimos a afetividade e suas implicações no contexto da sala de aula a partir de autores que abordam como as questões afetivas interagem com as cognitivas.

1. O que é afetividade?

A afetividade resulta da palavra afetiva e afeto. Os seres humanos precisam se relacionar e interagir uns com os outros, pois através do afeto apreciamos tudo que nos afeta emocionalmente para o nosso bem estar envolvendo vivências. Henri Wallon considera que a inteligência não é o elemento mais importante do desenvolvimento humano, pois o mesmo defende que a vida psíquica é formada por de três vertentes: a motora a afetiva e a cognitiva.

Essas dimensões são necessárias para o desenvolvimento do indivíduo na formação de sua identidade, nesse sentido, a afetividade é um dos conjuntos funcionais de cada pessoa, atuando juntamente com a cognição e o ato motor no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento do indivíduo. Em outra concepção “a afetividade significa conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressão de dor ou prazer, satisfação ou insatisfação, de alegria ou tristeza” (FERREIRA 1999, p. 62).

Esses conjuntos de fenômenos psíquicos são indispensáveis para o desenvolvimento do indivíduo, pois ao se manifestar na mente o ser humano é preciso que o mesmo experimente sensações para reagir, e são através dos acontecimentos que o indivíduo vai sentir e viver essas experiências sob formas de emoções, sentimentos e paixões. Pois o afeto constitui facilitando para o pleno desenvolvimento do mesmo de forma positiva ou negativa, e “ao lado da inteligência e da motricidade, a afetividade vai tornando possível à evolução psíquica da criança, que ocorre por meio de uma interação contínua” (CARVALHO, 2006, p. 117). Para que essa evolução psíquica seja significativa à criança deve interagir com os adultos e outras crianças, aprendemos interagindo com o outro, isso possibilitara a criança um aprendizado relevante.

O plano cognitivo para Piaget (1994) está ligado ao plano afetivo “existe um estreito paralelismo entre o desenvolvimento da afetividade e os das funções intelectuais, já que estes são dois aspectos indissociáveis de cada ação” (PIAGET, 1994, p. 37). Assim a afetividade está presente em todas as etapas do desenvolvimento do indivíduo, sendo importante às funções afetivas quanto às funções cognitivas possibilitando que o indivíduo possa através do meio social ser reflexivo das suas ações, assim o desenvolvimento afetivo esta interligado ao desenvolvimento cognitivo.

A afetividade designa os processos psíquicos que acompanham as manifestações orgânicas da emoção. É um processo corporal e centrípeto que obriga a consciência a se voltar para as alterações inteiro e proprioceptivas que acompanham, e prejudica a percepção do exterior. Caracteriza não o processo relacional, mas o fechamento da consciência sobre si (WALLON apud DANTAS, 1990. p. 10).

Assim no processo do desenvolvimento do homem são importantes na medida em que envolve os processos psíquicos acompanhadas das manifestações orgânicas das emoções, pois cada fase do desenvolvimento do indivíduo é considerado significativo, sob as condições fundamentais para a construção da personalidade, tendo boa conduta no meio social. “A afetividade constitui, em cada estágio de desenvolvimento, um tipo de manifestação diferente, sobre tudo em função das necessidades e possibilidades maturacionais da criança” (CARVALHO, 2006, p. 117). Em vista dessa afirmação a vida afetiva se constitui no dia a dia e cada fase de estágio a criança passa por experiências de vida, seja com pessoas, objeto, animais ou lugar de forma positiva ou negativa.

Segundo a concepção de Wallon, a afetividade se expressa de três maneiras na vida da pessoa que são por meio da emoção, do sentimento e da paixão. Essas manifestações surgem durante toda a vida do indivíduo, onde a emoção é primordial, pois ela é a primeira expressão da afetividade. Wallon (1941) destaca a emoção como a forma mais expressiva da afetividade e em uma de suas obras a manifestação da emoção ganha destaque, pelo fato de a mesma ser mais visível, que as duas outras manifestações.

1.1 Afetos, emoção e sentimento na infância.

O afeto constitui no dia a dia no contato com as pessoas, objetos, animais e lugares, através desses contatos construímos afeto, assim a partir das vivências demonstramos nossas emoções ou sentimento podendo nos afetar de várias maneiras. No cotidiano necessitamos

expressar o que sentimos, sendo que na vida escolar a criança manifesta expressões demonstrando o seu afeto seja pelo professor ou para outros colegas, pois o “afeto expressam em desejos, sonhos, fantasias, experiências, palavras, gestos, no que fazemos e pensamos, é o que nos faz viver” (BOCK, 2008, p. 162).

Podemos expressar nossos afetos através dos sentimentos, pois os afetos dão colorido na vida de cada pessoa, pois no cotidiano o mesmo está construindo significado, “os aspectos afetivos e cognitivos presentes na mente humana não se constituem em universos opostos, pelo contrário, estão indissociados em nossos pensamentos e nossas ações” (ARANTES, 2003, p. 109).

Assim estudar a vida afetiva nos possibilita compreender o indivíduo em seu desenvolvimento durante toda vida, pois a vida cognitiva e a vida afetiva das pessoas estão conectadas em todo momento. As duas se completam na sua totalidade, na educação e no processo ensino-aprendizagem não “separa a cognição e a afetividade na sua busca pela formação de cidadãos éticos, felizes e conscientes de seu papel na sociedade” (ARANTES, 2003, p. 110). No âmbito escolar a criança está vivenciando novas experiências de vida, e também alguns conflitos mentais e esses conflitos podem ser superados por mediação de um adulto, ou seja, o professor na sala de aula.

Existem dois tipos de afetos que constituem a vida afetiva: o amor e o ódio, eles estão sempre presente na vida psíquica de modo mais ou menos integrado, associados aos pensamentos, às fantasias, aos sonhos e se expressam de diferentes modos na conduta de cada um (BOCK, 2008. p.165).

Sendo assim, o amor e o ódio são fatores que constituem a vida afetiva, pois assim o indivíduo no processo de seu desenvolvimento possa controlar suas emoções para melhor resultado de suas ações. Os afetos (BOCK, 2008, p. 166) “são ligados à consciência, o que nos permite dizer ao outro o que sentimos” nesse sentido por meio da linguagem expressamos nossos sentimentos. Um determinado momento “o conhecimento dos estados afetivos, das situações que o provocam como administra-los, e muito necessário para aprender a resolver conflitos” (MORENO, 2003, p. 145). Desse modo, alguns conflitos mentais podem ser resolvidos pelos conhecimentos afetivos quando resultantes dos desencontros entre as ações da criança e o ambiente exterior, estruturados pelos adultos e pela cultura, com isso as crianças buscam na ação sobre o meio humano significados dos seus sentimentos e emoções.

Para Cosenza, Guerra (2011) “as emoções são fenômenos que assimilam a presença de algo importante ou significativo em um determinado momento da vida de um indivíduo” (COSENZA, GUERRA 2011, p. 75). As emoções se manifestam por meio de alterações na sua fisiologia e nos seus processos mentais, e ainda mobilizam os recursos cognitivos existentes, como a atenção e a percepção de cada indivíduo.

As emoções são conjuntos complexos de reações químicas e neurais, determinadas biologicamente e dependentes de mecanismos cerebrais (DAMÁSIO apud ARAÚJO 2003 p. 153). As emoções são reações corporais, automáticas e também inconscientes, no cotidiano o indivíduo passa por situações inesperadas e desafiadoras quando algo novo ou inesperado acontece, seja em situação de perigo ou prazer esses acontecimentos se manifestam ocasionam as reações corporais de forma automática. Na concepção (COSENZA, GUERRA, 2011, p. 75) “as emoções, alteram a fisiologia do organismo visando uma aproximação, confronto ou afastamento, costumam determinar a escolha das ações que se seguirão”.

As emoções atuam como sinalizador interno de que algo importante está ocorrendo em um determinado momento na vida do ser humano, esses fenômenos que se manifestam de forma positiva e negativa, possibilita que o indivíduo faça uma escolha significativa (COSENZA, GUERRA, 2011). As emoções (BOCK 2008, p. 167) “são expressões afetivas acompanhadas de reações intensas e breves do organismo, em respostas a um acontecimento inesperado ou, às vezes muito aguardado ou fantasiado”. Podemos observar que as expressões afetivas faciais ou movimentos corporais são reações orgânicas do comportamento das emoções, ou seja, podem ser respostas dos acontecimentos inesperado ou aguardado pelo indivíduo no contexto social em que ao mesmo está inserido.

Nas emoções é possível observar uma relação entre afetos e a organização corporal, as reações orgânica, as modificações que ocorrem nos organismos como distúrbios gastrointestinais e cardiorrespiratórios, sudorese, tremor um exemplo comum é a alteração do batimento cardíaco (BOCK, 2008, p. 167).

Sendo assim as modificações que ocorrem nos organismos são consequências dos fatos que enfrentamos no nosso dia a dia, podendo sofrer alterações imediatas durante o acontecimento, o indivíduo em situação de perigo percebem as alterações no seu corpo, por meio das manifestações como as emoções e sentimentos. Cosenza e Guerra (2011, p. 76) dizem que “os humanos deveriam controlar suas emoções para que a razão prevaleça. E que a ausência das emoções nos tornaria com inexpressivos robôs andróides, como se vê em muitas obras de ficção científica”.

Cada indivíduo deve controlar as suas emoções diante dos acontecimentos que ocorrem no dia a dia, assim esse controle emocional exerce um papel importante no processo do desenvolvimento do indivíduo, permitindo que o mesmo perceba suas emoções e também reconheça seus próprios sentimentos. Nesse sentido, “o termo emoção é o conjunto de respostas fisiológicas que ocorrem mais ou menos inconscientemente quando o encéfalo detecta certas situações” (KANDEL, 2014, p. 938). Na concepção do autor a emoção refere-se a respostas fisiológicas, quando o indivíduo sente certos tipos de estímulos, isto é, em momento de perigo os músculos ficam tensos e o coração bate acelerado, mais também a emoção refere-se às experiências conscientes que são denominadas sentimentos.

Essas respostas fisiológicas automáticas ocorrem tanto no encéfalo quanto no resto do corpo. No encéfalo, envolvem mudanças nos níveis de alerta e nas funções cognitivas, como atenção, processamento da memória e estratégias de decisão. No restante do corpo envolvem respostas endócrinas, autônomas e musculares esqueléticas (KANDEL, 2014, p. 938).

O encéfalo contribui para uma tomada de decisão mediante cada situação, por exemplo, um episódio ocorrido, permitindo que o indivíduo perceba através das reações do seu corpo as alterações envolvendo a busca de respostas dos acontecimentos. As respostas comportamentais, são chamadas de respostas emocionais, são encontradas em organismos muito simples, que podem não ter consciência e, assim não tem sentimentos, o autor ainda considera que todos os organismos devem ter tal capacidade para sobreviver e prosperar.

As emoções envolvem respostas periféricas que podem ser percebidas por um observador externo, aumento do estado de alerta, desassossego, dilatação da pupila, alteração da expressão facial, e outras manifestações. Há modificações corporais internas que são percebidas pelo sujeito, tais como, o coração disparado ou um nó na garganta (COSENZA, GUERRA, 2011 p. 76).

O sujeito que passa por um momento de emoção intensa, suas reações envolvem as respostas periféricas que podem ser observadas por um indivíduo externo, e também o próprio sujeito pode sentir e perceber suas próprias modificações corporais que acontecem na sua área interna. As respostas fisiológicas são acompanhadas por um sentimento emocional ligado ao universo afetivo do organismo, logo nossas emoções fazem parte do cotidiano sentir emoção e como nutrir a mente para um desenvolvimento confiante (COSENZA; GUERRA, 2011). A respeito disso na teoria de Wallon, Galvão (2011) descreve que:

As emoções possuem características específicas que distinguem de outras manifestações da afetividade. São sempre acompanhadas de alterações orgânicas, como aceleração dos batimentos cardíacos, mudanças no ritmo da respiração, dificuldades na digestão, secura na boca (WALLON apud GALVÃO, 2011, p. 61).

As emoções tem origem biológica e é identificada por ter curta duração. Na vida do indivíduo além de causarem alterações orgânicas, podem vir acompanhadas de sensações de alegria ou tristeza, as mesmas se manifestam provocando também “alterações na mímica facial, na postura, na forma com são executados os gestos” (GALVÃO, 2011, p. 61). Esse processo nos ajuda a analisar as mudanças corporais despertando nossa atenção através das experiências emocional vivenciada pelo próprio sujeito.

Os sentimentos podem ser considerados como uma consequência das emoções e se manifestam em cada pessoa de acordo com as suas experiências de vida, personalidade, cultura. Os sentimentos são definidos como observação das emoções e das reações provocadas por elas. Damásio (2000) explica que os sentimentos surgem quando tomamos consciência das nossas emoções, quando as nossas emoções são transferidas para determinadas zonas do nosso cérebro, onde são codificados sob a forma de atividade neuronal, portanto o indivíduo tem consciência dos seus sentimentos, podendo falar ao outro o que sente. Neste sentido, “o termo sentimento refere-se à experiência mental privada de uma emoção” (DAMASIO, apud ARAUJO, 2003, p. 153).

Os sentimentos se manifestam quando o indivíduo pensa em algo que ficou registrado em sua memória proveniente do lugar ou pessoa onde o fato foi ocorrido, além das concepções estudadas. “Os sentimentos diferem das emoções por serem mais duradouros, menos explosivos e por não virem acompanhados de reações orgânicas internas” (BOCK, 2008, p. 169). Sendo assim, fica claro que as emoções e os sentimentos são de grande importância no processo do desenvolvimento dos indivíduos, pois através das manifestações emocionais relacionadas à vida psíquica, o indivíduo constrói a sua personalidade, incluindo outras formas de atividades psíquicas.

O sentimento para Kandel (2014) se referi à experiência consciente dessas alterações somáticas e cognitivas. Em certos sentidos, os sentimentos são significados que o encéfalo cria para representar os fenômenos fisiológicos gerados pelo estado emocional. Através das experiências vividas o indivíduo vai pensar sobre os seus sentimentos analisando por meio das percepções conscientes das respostas emocionais. Wallon (1981) considera o sentimento como um caráter mais cognitivo, sendo a representação das sensações em que o indivíduo já

consegue falar sobre o que afeta, e o que sente. Porém emoções e sentimentos são relevantes para o ensino-aprendizagem seja de uma criança ou um adulto. Vejamos a seguir, de maneira mais minuciosa, o pensamento walloniano acerca da afetividade e como esta interage com a inteligência.

1. 2. A afetividade Walloniana

1. 2.1 Henri Paul Wallon

Henri Wallon nasceu em 15 de junho de 1879, no ano de 1925, criou um laboratório de psicologia biológica da criança. Atuou como professor da Universidade Sorbonne e vice-presidente do grupo Frances da Educação, ao longo de sua vida Wallon dedicou-se a conhecer a infância e os caminhos da inteligência nas crianças (MAHONEY, 2012, p. 10).

Segundo Henri Wallon, a criança busca constantemente estar junto de pessoas quem elas gostam se sentindo seguras, pois duas ordens de fatores que irão constituir as condições em que emergem as atividades de cada estágio: os fatores orgânicos e os fatores sociais. Nessa perspectiva que o estudo foi predominante, será no mergulho do organismo em cada cultura, em determinada época, que se desenvolverão as características de cada estágio (MAHONEY, 2012, p. 12).

Diferentemente de outras teorias que abordam o desenvolvimento humano, Wallon entende o desenvolvimento como um processo permeado por conflitos e rupturas, não sendo um processo linear, mas um reviravoltas de comportamentos. Em sua teoria destaca três aspectos centrais como a afetividade, a inteligência e o ato motor, onde esses três campos funcionais integram-se, alternando-se ao longo da evolução (BASTOS, 2003). A afetividade e a inteligência são concebidas na teoria walloniana como dois aspectos que não se separam.

A afetividade e a inteligência têm influências recíprocas, sendo que a evolução de uma provoca alterações significativas em outra. Não se trata em acúmulo de aquisições, mas de transformações importantes que exigem ser incorporadas e processadas pela pessoa (BASTOS, 2003, p. 20).

Wallon explica essa relação entre afetividade e inteligência ao estabelecer que a criança passa por cinco estágio de desenvolvimento, cada um com suas próprias características: o primeiro de estágio “Impulso Emocional” (de 0 a 1 ano). Segundo estágio “Sensório-Motor e Projetivo” (de 1 a 3 anos). Terceiro “Estágio do Personalismo” (3 a 6

anos). Quarto “Estágio Categorical”, (6 a 11 anos). Quinto “Estágio da Puberdade e da Adolescência” (11 anos em diante).

1. 2.2 Os estágios do desenvolvimento e sua relação com a afetividade

Os cinco estágios desenvolvidos pelo educador Henri Wallon, são de relevância, cada estágio possibilita compreendermos o desenvolvimento humano na sua totalidade. Seu estudo contribui principalmente na área educacional, no processo ensino-aprendizagem seja com os estudantes na sala de aula, os desafios dos professores no espaço escolar e também no meio social. Cada fase que o indivíduo avança ele passa por uma experiência de vida na formação da sua personalidade, e formação de sua identidade diante da sociedade, e em toda a sua trajetória de vida a dimensão afetiva, a dimensão cognição e motora se faz presente.

Impulso Emocional: na primeira fase, (0 a 3 meses), predominam atividades que visam à exploração do próprio corpo em relação as suas sensibilidades internas e externas. Em uma atividade global ainda não estruturada com movimentos bruscos, desordenadas de enriquecimento e relaxamento da tensão muscular. Na segunda fase emocional (3 a 12 meses), já é possível reconhecer padrões emocionais diferenciados para o medo, alegria, raiva etc. inicia-se assim o processo de discriminação de formas de se comunicar pelo corpo (WALLON apud MAHONEY, 2012, p. 13).

Wallon descreve o primeiro estágio do desenvolvimento considerando as duas fases importantes para a compreensão de cada período no processo de desenvolvimento, consideram dois movimentos, sendo o da impulsividade motora e o emocional. É exatamente a ausência de instrumentos cognitivos que faz a emoção serem um instrumento de comunicação e de sobrevivência típico da espécie humana (WALLON, apud, DUARTE, 2012, p. 25).

Estagio Sensório-Motor e Projetivo: as atividades se concentram na exploração concreta do espaço físico pelo agarrar, segurar, manipular, apontar, sentar, andar e também auxiliadas pelas falas que se acompanham por gestos. Toda essa atividade motora exuberante do sensório-motor e projetivo prepara não só o afetivo, mas também o cognitivo que vai instrumentalizar a criança para o próximo estágio (MAHONEY, 2012, p.13).

Assim são característicos desse estagio que a criança amplia sua liberdade, explora o meio físico fazendo o reconhecimento espacial dos objetos que os rodeiam, quando o meio permite uma investigação para a exploração dos espaços e dos objetos que nele se encontram,

permitindo também os movimentos de ir e vir por si próprio, nessa “etapa projetiva, que caracteriza a forma do funcionamento mental da criança: o ato mental projeta-se em atos motores” (WALLON, 1978, p. 107).

Nessa etapa o autor considera que ao estabelecer as relações no espaço sensório-motor, a criança desenvolve uma inteligência das situações, sendo capaz de perceber e fazer combinações, das relações voltadas para a ação imediata, em um espaço concreto delimitado em um tempo presente (WALLON apud COSTA, 2012, p. 33). Nessa fase dos campos sensoriais e motores a criança desenvolve algumas habilidades, descobrem através das atividades os movimentos, percepção da linguagem e o meio, o andar entre outros.

Estágio do Personalismo: exploração de si mesmo, com um ser diferente de outros seres, construção da própria subjetividade por meio das atividades de oposição expulsão do outro e ao mesmo tempo de sedução assimilação do outro (MAHONEY, 2012, p. 13). Nessa fase a criança passa por uma série de conflitos, necessitam conquistar sua autonomia, distinguindo-se do outro que se revela no uso insistente de expressões como eu, meu, não uma característica central do personalismo.

A passagem do estágio sensório-motor e projetivo para o personalismo exige uma alternância de função, uma subordinação da função da inteligência para o predomínio da afetividade possa, neste momento do desenvolvimento, emergir e orientar o processo de constituição da pessoa (WALLON, 1981, p. 135).

Porém a relação entre os progressos da inteligência e afetividade, não podem ser de forma isolada, pois, “alternativa provoca sempre um novo estado que se torna o ponto de partida de um novo ciclo. Assim evolui o desenvolvimento da criança através de forma que se modificam de idade para idade” (WALLON, 1981, p. 135), as condições para a evolução da inteligência tem raiz no desenvolvimento da afetividade. Assim uma depende da outra para melhor desenvolvimento do indivíduo.

Estágio Categorical: a diferenciação nítida entre o eu e o outro dá condições estáveis para a exploração mental do mundo físico, mediante atividades de argumentos, seriação, classificação, categorização em vários níveis de abstração até chegar ao pensamento categorial. (WALLON apud MAHONEY, 2012, p.13). Sendo assim organização do mundo físico no estágio categorial possibilita também uma compreensão mais nítida de si mesmo.

Nesse período a criança continua a se desenvolver, tanto no plano motor como no afetivo, mas as características do comportamento são determinadas

principalmente pelo desenvolvimento intelectual, e nesse domínio que se podem perceber grandes avanços (WALLON, apud AMARAL, 2012, p. 52).

Para o autor, a criança nesses estagios passa estabelecer classificações e novas relações da realidade em diversos aspectos que emergem o meio. Pois segundo Wallon, é impossível dissociar na pessoa qualquer um dos conjuntos funcionais-inteligência, afetividade ou o ato moto (WALLON, apud AMARAL, 2012, p. 58). Esses conjuntos funcionais são necessários para o desenvolvimento do indivíduo.

Estagio da Puberdade e da Adolescência: Exploração de si mesmo, como uma identidade autônoma, mediante atividades de confronto, autoconfirmação, questionamentos, ao mesmo tempo em que se submete e se apoia nos grupos de pares, contrapondo-se aos valores tal como interpretado pelos adultos com quem convive. Domínio de categorias de maior nível de abstração, nas quais a dimensão temporal toma relevo, possibilitando uma discriminação clara dos limites de autonomia e de sua independência. (MAHONEY, 2012, p. 13).

O estágio da puberdade e da adolescência é apresentado pela teoria Walloriana como a última e movimentada etapa que separa a criança do adulto que ela tende a ser. Nessa fase ocorrem modificações fisiológicas impostas ao amadurecimento sexual, provocando a criança profundas transformações corporais acompanhadas por uma transformação psíquica. (FERRARI, 2012, p. 59). Podemos perceber que também nessa etapa volta a preponderar às funções afetivas, a vida afetiva tornou-se muitas intensas e toma um relevo que muitas vezes surpreende o adulto.

Para Wallon, quando chega à adolescência, uma das características mais marcante é a ambivalência de atitudes e sentimentos, resultante da riqueza da vida afetiva e imaginativa que traduz o desequilíbrio interior. Sendo assim, esses sentimentos que os jovens expressam nessa etapa, eles alternam como o desejo de oposição e conformismo, posse e sacrifício, renunciam e aventura e também a atração.

As novas exigências afetivas são frutos de reflexões e questionamento dos jovens que procuram um significado, uma justificativa, para as diversas relações de sociedade que anteriormente aceitava e na qual parecia estar apagado. Com esse progresso termina a preparação para a vida que era a infância (WALLON, 1981, p. 223).

Todavia nessa fase os jovens passam por conflitos emocionais, precisam receber atenção, ser valorizado e respeitado, nessa fase estão se tornando jovens adultos e tudo e experiência é importante o equilíbrio para tomada de decisão.

Todas as suas obras são base para as pesquisas na área educacional, o educador Henri Wallon, com suas teorias proporcionam aos educadores um rico trabalho para uma análise sobre o desenvolvimento da criança até a fase adulta, pois os psicológicos e pedagógicos buscam constantemente conhecer esse desenvolvimento para lidar com acontecimentos que estão presentes no nosso dia a dia.

Henri Wallon descreveu suas obras centradas nas crianças, os estudos sobre o desenvolvimento humano com seus domínios afetivos, cognitivo, motor e o meio social, todas essas funções são necessárias para o crescimento da criança, para o processo ensino-aprendizagem. É preciso destacar que na teoria psicogenética, os diferentes momentos da evolução humana são marcados pela alternância entre as funções da inteligência e da afetividade na medida em que cada uma passa a ser preponderante em cada etapa do desenvolvimento (BASTOS, 2003). Isto significa dizer da necessidade de estabelecer uma discussão acerca de como o professor pode otimizar esse desenvolvimento no âmbito do processo ensino-aprendizagem, favorecendo os estudantes em todas as suas dimensões.

1.3. Afetividade no contexto educacional

Na sala de aula todos podem contribuir para ser um ambiente harmonioso, o professor como pesquisador da sua prática é um mediador de conhecimento, pois na relação professor e estudante devem prevalecer o respeito e a confiança através do diálogo, e no processo ensino-aprendizagem o interesse dos mesmos. Nesse contexto educacional não é só a inteligência que tem uma evolução, mas também a afetividade, o estudante deve ser ativo e interessado nas atividades, mas compete ao professor propor aos estudantes condições de confiança. As atividades são técnicas que viabilizam um amplo conhecimento para uma aproximação recíproca, auxiliam meios que os mesmos possam exercer descobrindo suas potencialidades. Nesse sentido a orientação, o estímulo são fundamentais no processo de ensino e o desenvolvimento do indivíduo, pois o aprendizado ocorre através da cognição tanto quanto da emoção.

1.3.1 O papel da afetividade na aprendizagem

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs.) (Brasil, 1997 p. 46), consta que uma educação de qualidade deve desenvolver as capacidades inter-relacionadas, cognitivas, afetivas, éticas e estéticas, visando à construção do cidadão em todos os seus direitos e

deveres. Com essa afirmação na sala de aula o afeto entre o professor e estudante e a relação de afeto entre estudante-estudante são necessários para desenvolvimentos das atividades no processo ensino-aprendizagem e também para desenvolvimento da personalidade humana.

Na sala de aula os estudantes são sujeitos ativos em busca de novas experiências. As atividades que são ensinadas pelo seu professor devem ser significativas para os estudantes, pois o professor deve buscar constantemente novos conhecimentos de fontes seguras, e na sala o professor precisa desenvolver a autonomia e a autoestima dos estudantes, visto que uma criança autoconfiante tem mais probabilidade em desenvolver-se cognitivamente e emocionalmente de maneira saudável.

O professor deve evitar que se estabeleçam entre seus alunos distinções baseadas em sua origem social e ética. Deve tomar em consideração as relações que uma sociedade cada vez mais igualitária exige das crianças que estão diante dele nos bancos da sala de aula (WALLON, 1975, p. 224).

O professor precisa dialogar com seus estudantes diante dos desafios em sala de aula ele possa ser um professor articulador, pois na medida em que a criança vai crescendo também vai se descobrindo na formação do próprio eu, um processo de crescimento na vida afetiva e na vida cognitiva. O professor como pesquisador de suas ações viabiliza para um resultado promissor.

1.3. 2 A afetividade na relação professor- estudante

O contexto da afetividade na relação professor-estudante no processo ensino-aprendizagem deve ter como base na confiança, pois, “as dimensões do afeto e da cognição estariam, desde cedo, íntima e dialeticamente relacionadas” (OLIVEIRA; REGO, 2003, p. 19) São muitos os conceitos, em relação à afetividade por ser uma manifestação que expressa sentimentos, assumindo um papel fundamental no desenvolvimento humano, com suas necessidades e interesses pessoais. Também o professor atuante tem um papel fundamental na vida escolar dos estudantes para o seu desenvolvimento de aprendizagem significativa, tornando cidadãos críticos independentes conhecedores de seus direitos e seus deveres.

O processo de ensino é uma atividade conjunta de professores e alunos, organizado sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções (LIBANEO, 1994, p. 29).

Essa atividade conjunta de professores e estudantes consiste através do diálogo, do respeito, comprometimento, pois é quando acontece a interação a transmissão de conhecimentos numa determinada situação. O conhecimento social para Piaget (1997, p. 75) “é construído pela criança á medida que ela interage com os adultos e com outras crianças”. Sendo assim o diálogo é uma forma de comunicação na qual ambos possam falar, pois a interação e o respeito são necessários para a construção do conhecimento.

O professor precisa conhecer as teorias de desenvolvimento, de aprendizagem de personalidade que os livros ensinam. Mas precisa ter uma atitude permanente de investigador do ser em desenvolvimento de sua própria pratica. E o conhecimento que ai adquire na pratica, volta para enriquecer as teorias. Ou seja, psicologia e pedagogia, em suas relações, de benefício mutuo (ALMEIDA, 2012, p. 86).

Para que aconteça uma aula produtiva e prazerosa o professor pode trabalhar as atividades de forma que os estudantes possam interagir através da socialização entre professor e estudante, mais com a responsabilidade, possibilitando um aprendizado significativo para ambos. Pois o professor em exercício deve ser articulador diante das dificuldades encontradas em sala de aula. Sendo assim “o diálogo professor-aluno torna-se fundamental na mediação dos conhecimentos, pois essa proposta não se baseia em comandos e em repetições mecânicas” (BELOTTI, 2011, p. 8).

No processo ensino-aprendizagem o diálogo torna-se essencial entre professor e estudante, possibilita uma mediação dos conhecimentos valorizando o respeito e as diferenças, o professor observa as dificuldades de aprendizagem do estudante para poder executar as atividades proporcionando novos conhecimentos, considerar o estudante como um sujeito construtor de conhecimento, identidade e também a sua cultura. A criança demanda proximidade. Porém o professor e os estudantes na sala de aula devem ter limites, disciplina na hora das atividades e respeito para que o ensino aprendizagem aconteça. Por isso Freire (1996) afirma:

Quem ensina aprende a ensinar e quem aprende ensina ao aprender. A orientação do professor deve ajudar a provocar no aluno o estímulo e a participação através da afetividade, passando assim segurança, contribuindo para um melhor desempenho diante das dificuldades da leitura (FREIRE, 1996, p. 38).

Assim, o professor na sala de aula é o principal agente mediador entre o estudante e o conteúdo escolar, diante das dificuldades nas atividades o professor interessado na

aprendizagem do estudante, vai ajuda-lo orientando-o, estimulando para que o mesmo tenha interesse nas aulas participando ativamente das atividades, com isso aconteça o ensino-aprendizagem. No contexto educacional “tanto a seleção dos saberes como suas transposições didáticas aos alunos dependem do compromisso e da competência do professor. O acesso do aluno a cultura depende, em grande parte, do professor” (ALMEIDA, 2012, p. 81).

O professor proporciona aos estudantes um ambiente organizado, atividades significativas, observa a relação estudante-estudante, trabalha a autoconfiança de todos, analisa sua pratica e perceber as necessidades dos estudantes, pois “a aprendizagem ocorre se está adequada aos interesses do aluno, e todo interesse nasce de uma necessidade. O professor identificara as necessidades de seus alunos, criando condições para satisfazê-las” (ALMEIDA, 2012, p. 84).

Nesse sentido cria-se um rico canal de comunicação e confiança entre o estudante e professor, em que a troca e essencialmente afetiva, o professor é comprometido com o ensino e os estudantes interessados em aprender. Através das atividades desenvolvidas na sala de aula o professor faz mediação dos conhecimentos, possibilitando as relações sociais e com isso contribui no processo ensino-aprendizagem.

1.4. Neurociências e Afetividade

Os estudos das neurociências e da afetividade são áreas de conhecimentos relevantes para a compreensão do desenvolvimento humano. Os estudiosos buscam cada vez mais esclarecer as dúvidas e indagações sobre a complexidade do comportamento humano, suas limitações e potencialidades. Nesse sentido é que os estudos sobre as funções neurais conheceram partes de como ocorre esse processo do desenvolvimento dos indivíduos, sobretudo “as neurociências são ciências naturais que estudam os princípios que descrevem a estrutura e os funcionamentos neurais, buscando a compreensão dos fenômenos observados” (COSENZA, GUERRA, 2011 p. 143).

Os estudos das neurociências investigam o cérebro, observam, analisam os fenômenos que ocorrem nos sistemas neurais das pessoas, descrevem as estruturas que estão associadas ao cérebro em funcionamento buscando compreender o processo do desenvolvimento da mente humana, essa descoberta possibilita que o indivíduo seja capaz de expressar novos comportamentos, realizar tarefas, descobrir suas habilidades. Os avanços das neurociências (GOSENZA, GUERRA 2011, p. 143) possibilitam uma abordagem mais

científica do ensino-aprendizagem, fundamentada na compreensão dos processos cognitivos envolvidos.

Os avanços da neurociência contribuem na afetividade, as neurociências estudam “os neurônios e suas moléculas constituintes, os órgãos do sistema nervoso e suas funções específicas e também as funções cognitivas e o comportamento” (GOSENZA, GUERRA, 2011). O desenvolvimento cognitivo e o afetivo estão atrelados no processo de aprendizagem, nessa perspectiva “a neurociência é e será um poderoso auxílio na compreensão do que é comum em todos os cérebros, e poderá nos próximos anos dar respostas confiáveis e importantes no contexto da aprendizagem humana” (NORONHA, 2008, p. 1). Sendo que para novas descobertas do funcionamento do cérebro faz-se necessário o aperfeiçoamento de técnicas de neuroimagem, de eletrofisiologia no campo da genética e da neurociência cognitiva, pois tem possibilitado um avanço do conhecimento em ritmo até nunca observado (COSENZA, GUERRA. 2011).

Diante dos avanços precisamos ser cautelosos sobre o aperfeiçoamento das novas técnicas, com as técnicas de neuroimagem e eletrofisiologia permitem um resultado pesquisado com precisão, ambas são necessárias no estudo do cérebro e o processo do desenvolvimento do comportamento humano, a respeito disso que as neurociências mostram resultados. Nos dez primeiros anos de vida segundo Kandel (2000), o cérebro é duas vezes maior que o cérebro adulto, o que ajuda a promover a aprendizagem nas idades iniciais. Pois nos anos iniciais a criança inicia a vida escolar e precisa aprender os significados dos símbolos e os códigos. Nessa fase a criança é curiosa, vê novidade em tudo que vê e aprende rápido são sujeitos ativos, isso possibilita o desenvolvimento do sujeito na sociedade e no processo da aprendizagem.

As neurociências tem mostrado que os processos cognitivos e emocionais estão profundamente entrelaçados no funcionamento do cérebro e tem tornado evidente que as emoções são importantes para o comportamento mais adequado a sobrevivência seja selecionado em momentos importantes da vida dos indivíduos (COSENZA, GUERRA, 2011, p. 76).

Assim os processos cognitivos e emocionais estão presentes na vida do indivíduo, pois no dia a dia aprendemos com o outro e por meio das manifestações emocionais os indivíduos estabelecem resultados significantes. Nesse sentido a relação afetiva tem capacidade de afetar o outro. A vida afetiva Bock (2008, p. 163) “é parte integrante da nossa subjetividade”, sobretudo na neurociência afetiva é estudada os mecanismos neurais da emoção, essas emoções relacionam-se com a atividade nas áreas cerebrais que direcionam a

atenção motivando o comportamento, determinado o significado do que ocorre ao nosso redor.

Um conjunto de fenômenos psicológico, segundo Antunes (2006), se manifesta por meio de emoções provocando sentimento, esses fenômenos psicológicos acontecem de forma imediata na vida do indivíduo, de forma positiva ou negativa. Nesse sentido, o psicólogo em seu trabalho (BOCK, 2008), não pode deixar de lado esse aspecto constitutivo da vida afetiva e estudar apenas a vida cognitiva e racional dos indivíduos, pois sendo assim não dar conta de compreender a pessoas em sua totalidade (BOCK, 2008, p. 163).

Portanto o estudo da neurociência tem contribuindo para os avanços na educação, em busca de melhorar a qualidade de vida do indivíduo e da sociedade, os conhecimentos agregados pela vida cognitiva e vida afetiva, são importantes na área educacional, pois a escola é um espaço que tem como função preparar indivíduo para a sociedade. Mas no processo ensino-aprendizagem é importante compreender também o indivíduo na sua totalidade, ou seja, em todos os aspectos que os envolvem.

1.4.1 A Afetividade e o Cérebro

Os estudos das neurociências contribuem para esclarecer como ocorre o funcionamento do cérebro e o desenvolvimento dos seres humanos, observando o processo de desenvolvimento e suas funções neurais podem descrever na complexidade para as grandes descobertas, pois é necessário um conjunto de fatores que auxiliam no processo da busca de respostas em relação o desenvolvimento do indivíduo e suas interações no meio social. O homem se desenvolve por estímulos e os estudos possibilitam grandes descobertas seja nas estruturas fisiológicas e psicossociais do desenvolvimento do indivíduo. Nessa perspectiva os circuitos neurais para Grispun, (2004) “constituem-se através da afetividade primaria o sistema atencional, pilar fundamental sobre o que se apoia toda a aprendizagem, com assento anatômico no córtex pré-frontal do cérebro” (GRISPUN, 2004, p. 76).

Assim os circuitos neurais constituídos através das funções do cérebro, possibilitam que os indivíduos percebam os movimentos, os funcionamentos do seu corpo, pois, o cérebro é um órgão do sistema nervoso central e está relacionado com a consciência, memória e os movimentos corporais, isto e, a vida cognitiva, a vida afetiva e a motora. Sendo assim o cérebro é capaz de acessar informações dos sentidos, do mesmo modo quando uma pessoa

vive momentos ao extremo as reações emocionais podem influenciar no comportamento emocional do indivíduo de forma positiva ou negativa.

Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais seu pensamento, devemos fazer com que essas atividades sejam emocionalmente estimuladas. A experiência e a pesquisa tem demonstrado que um fato impregnado de emoção é recordado de forma mais solida, firme e prolongada que um feito indiferente (VYGOTSKY, 2003, p. 121).

Sendo assim o cérebro em funcionamento é analisado como um sistema de múltiplas funções e essas funções são responsáveis pelo nosso desenvolvimento desde que nascemos, e para que aconteça o aprendizado o indivíduo precisa de interação, afetividade, meio social e estímulo, pois o aprendizado acontece num processo contínuo, é importante sabermos quem somos, o que pensamos, sentimos e lembramos.

Os núcleos da base participam na regulação do desempenho motor; o hipocampo está envolvido com aspectos do armazenamento da memória, e os núcleos da amígdala coordenam as respostas autonômicas e endócrinas dos estados emocionais (KANDEL, 2014, p. 9).

As regiões do encéfalo têm suas funções valiosas para o desenvolvimento dos indivíduos na medida em que “as emoções positivas envolvem também um circuito dopaminérgico que vai do mesencéfalo ao cérebro” (COSENZA, GUERRA, 2011, p. 85).

Assim as emoções positivas estimulam o cérebro ativando suas conexões para um esperado resultado de bem estar tornando importante para o aprendizado. Os estados afetivos Kandel (2014) também são mediados por sistemas locais especializados no encéfalo, apesar de evidências persuasivas das exigências, no córtex, de sistemas localizados dedicados à linguagem, portanto a linguagem faz necessária no processo de aprendizagem da vida do ser humano. (KANDEL, 2014 p. 14).

O aprendizado e memórias emocionais estão enquadrados na memória implícitos e memória explícitos, essas capacidades de aprendizado envolve a amígdala, esta é um centro nervoso regulador dos processos emocionais (COSENZA, GUERRA 2011). Do mesmo modo acontece com a aprendizagem em situações de perigo, o hipocampo e outros componentes do sistema do lobo temporal medial envolvido no aprendizado e na memória explícitos, (KANDEL, 2014 p. 9). Embora as perspectivas no processo ensino-aprendizagem sejam esperadas um resultado positivo a memória faz parte desse processo que estão envolvidos no fenômeno da motivação que é importante para o aprendizado.

CAPÍTULO II – TRAJETO METODOLÓGICO

Segundo Chizzotti (2016), a pesquisa é a construção do conhecimento e a revelação do objeto pesquisado. Nesse sentido, este capítulo descreve o trajeto metodológico que foi se constituindo na busca de informações relevantes através da pesquisa de campo realizada na turma do 3º ano do ensino fundamental na Escola Municipal Beatriz Maranhão no município de Parintins-Am. Para tanto, um percurso de leituras de livros, fichamentos, artigos, e anotações de caderno de campo foram realizados para dar conta do nosso objeto de estudo: A afetividade no processo ensino-aprendizagem.

Laville e Dione (2008) enfatizam que o objeto de estudo define-se mais em função do pesquisador, de sua relação ativa com o objeto, o que permite que o papel do pesquisador seja reconhecido, assim como a sua subjetividade. Essa relação pesquisador e objeto é fundamental, pois “a interpretação do objeto depende, do modo pelo qual o pesquisador olha a realidade... o olhar do pesquisador é sempre interpretativo” (GHEDIN; FRANCO, 2011, p. 80).

No cotidiano os estudantes necessitam interagir uns com os outros, o professor precisa considerar três fatores essenciais no desenvolvimento dessas crianças que são o afeto, ação motora e a cognição. Nesse conjunto de ações visa analisar as reações expressas pelas crianças em um determinado momento na sala de aula. O professor não é um mero transmissor de informações, mas alguém que deve considerar no processo ensino-aprendizagem todos os aspectos inerentes ao desenvolvimento humano. Desse modo, questiona-se: Em que medida a afetividade interfere no processo ensino-aprendizagem dos estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Beatriz Maranhão do Município de Parintins-Am?

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, que possibilita uma proximidade com o sujeito e sua realidade na sala de aula, oportunidade única de desvendar os fenômenos além da aparência. Nesse sentido a respeito dos fatos que ocorrem no ambiente escolar, podemos analisar em que medida a afetividade interfere no processo-aprendizagem dos estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental. Na concepção de Creswell (2007, p, 202), a pesquisa “qualitativa é feita em cenários naturais, onde ocorrem o comportamento humano e os fatos”, assim através da pesquisa o pesquisador na sala de aula pode observar os acontecimentos e o comportamento dos estudantes no processo ensino-aprendizagem.

A abordagem de cunho qualitativo trabalha os dados buscando o seu significado, tendo com base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. O uso de descrição qualitativa procura captar não só a aparência do fenômeno com também suas essenciais. (TRIVINOS, 1987, p. 105).

Sendo assim a pesquisa qualitativa possibilitou investigar os fenômenos na complexidade no ambiente escolar no que se refere a efetividade que envolve professores e estudantes. Possibilitou também observar as ações dos envolvidos para obter um resultado significativo e compreender situações que estão direta e indiretamente relacionadas com o objeto de estudo desta pesquisa.

O método de abordagem escolhido foi o dialético, pois é um método que estabelece uma interpretação e reflexão crítica dos fatos observados. Este método permite compreender e analisar a realidade pesquisada considerando os conflitos e contradições que dela emanam. Isso implica examinar os objetos e fenômeno buscando entendê-los numa totalidade concreta (GADOTTI, 2006) Assim, é necessário um olhar minucioso diante das ações e reações dos sujeitos envolvidos na pesquisa, nesse aspecto, descreveu-se uma discussão dialogando sob os fatos ocorridos de uma realidade do cotidiano escolar.

O método dialético é uma possibilidade de caminho na construção do saber científico no campo das ciências humanas. Ele torna-se a trajetória percorrida pelo sujeito (pesquisador) na busca de conhecer e perceber-se na construção desse conhecimento do objeto (fenômeno/fato investigado), que se constrói e desconstrói nas interações entre o sujeito e o objeto (DINIZ, SILVA, 2008, p. 1).

Nesse contexto, o sujeito da pesquisa não pode ser visto separado de suas influências, e sim juntos no processo de relações com fatores que o agrupam suas vivências. Além disso, possibilitou aproximação para conhecer fatores que tem contribuído ou prejudicado a afetividade dos estudantes, uma das realidades enfrentada no cotidiano escolar no processo de aprendizagem. O materialismo dialético é a base filosófica do marxismo e por isso busca explicações coerentes, lógicas e racionais para os fenômenos da natureza da sociedade e do pensamento (TRIVIÑOS, 2017).

Para coleta de dados utilizou-se a observação, onde o pesquisador consegue as informações necessárias da realidade pesquisada observando-a por um determinado período de tempo, utilizando-se do caderno de campo como material indispensável na coleta das informações. “O pesquisador toma notas de campo sobre comportamento e atividades das pessoas no local da pesquisa” (CRESWELL 2007, p. 190).

A observação, segundo Lakatos (1996), também obriga o pesquisador a ter um contato mais direto com a realidade. Através da observação foi possível vivenciar várias situações relevante sobre o objeto da pesquisa e a relação que se estabelece com os sujeitos. Na sala de aula cada estudante traz consigo uma realidade de vida a qual interage com outras realidades.

A participação do pesquisador permite analisar os fatos nos quais foram observados, vivenciar aspectos e semelhança do fenômeno pesquisado. Desse modo a observação faz-se imprescindível na pesquisa científica. Sendo assim foi utilizado como ocorre método de procedimento ao estudo de caso. Pois na concepção de Gil (2010, p. 38) “os propósitos do estudo de caso não são os de proporcionar o conhecimento preciso das características de uma população, mas sim o de proporcionar uma visão global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados”.

A observação foi iniciada no período do Estágio II, em maio 2018 e finalizada em outubro de 2018 na escola municipal “Beatriz Maranhão” numa turma de 3º ano do Ensino Fundamental. O motivo foi observar a afetividade no processo ensino-aprendizagem, o que implica nas relações que professor e estudantes estabelecem nas diversas situações que vivenciam, observando as emoções, os afetos e os sentimentos que ali aparecem. Utilizar essa técnica possibilitou um rico conhecimento, pois permitiu analisar como a afetividade interfere no processo ensino-aprendizagem.

Uma atitude de observador científico consiste em assumir o ponto de vista do grupo pesquisado com respeito, empatia e a maior inserção possível. Significa abertura para o grupo, sensibilidade para a sua lógica e sua cultura, lembrando-se de que a interação social faz parte da condição e da situação da pesquisa (GHEDIN; FRANCO, 2011, p. 195).

A sala de aula observada é composta por 29 (vinte e nove) estudantes e uma professora titular responsável pela turma. Participaram da pesquisa especificamente três estudantes e a professora. Os três estudantes apresentaram comportamentos diferentes diante dos fatos ocorridos na sala de aula. Assim permitiu uma interação com o ambiente escolar e proporcionou uma observação minuciosa no comportamento dos sujeitos. Os três estudantes citados são identificados aqui como: Ana que tem (11) onze anos de idade; Luís e Bruna têm (9) nove anos de idade; a professora Lúcia responsável pela turma. O critério utilizado para a escolha desses estudantes foi o fato de demonstrarem emoções e sentimentos com muita

evidência durante o período que realizamos a observação, evidenciando comportamentos diversos como resultados de sua afetividade.

Outra técnica utilizada foi à entrevista semiestruturada. Esta permitiu uma conversa com a professora da turma com intuito de saber como considera a afetividade no contexto escolar. A técnica semiestruturada para Trivinos (1987 p. 146) tem como base questionamento básicos apoiados em teorias e hipótese que interessam a pesquisa, assim permitiu uma aproximação com o entrevistado a fim de obter informações relevantes relacionando a afetividade no ensino-aprendizagem.

A entrevista direcionada à professora foi composta de 7 (sete) perguntas abertas, realizada na própria escola após agendamento prévio. As questões foram elaboradas objetivando conhecer a opinião da professora sobre a temática estudada, permitindo a mesma a liberdade de resposta. A coleta de dados e a experiência vivida proporcionou conhecer como a professora trabalha a afetividade no processo ensino-aprendizagem, bem como identificar as emoções e sentimentos que mais afetam as crianças nas relações que estabelecem no contexto escolar ou fora dele.

Nesta perspectiva, entendemos que no conhecimento científico, a verdade não está nem pronta nem acabada, segundo Ghedin e Franco (2011), mas consiste sempre num processo de desconstrução, construção e reconstrução, pois os problemas, à medida que são resolvidos, trazem novas problemáticas e novas possibilidades de aprofundamento. Para tanto, no capítulo a seguir apresentamos os conhecimentos que foram construídos a partir das informações que obtivemos no campo da pesquisa.

CAPITULO III – A AFETIVIDADE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Este capítulo consiste na discussão e análise das informações obtidas durante o trajeto da pesquisa por meio das observações realizadas em sala de aula e da entrevista realizada com a professora da turma. Discutir a afetividade no contexto da sala de aula é considerar todas as emoções e sentimentos que afetam professores e estudantes. Isto porque, entendemos que a capacidade de aprender não está desvinculada da capacidade de sentir, amar, chorar, imaginar e sonhar. A criança é pura emoção, afirma Wallon, é no decorrer de seu desenvolvimento que vai aprendendo a lidar com as questões afetivas e, dependendo do meio a qual está inserida, este processo pode lhe ensinar a dominar suas emoções ou as emoções podem dominá-las.

Foi durante o período de observação que fomos retirando as informações sobre o objeto de estudo desta pesquisa. À medida que íamos interagindo com os sujeitos novos conhecimentos foram gradativamente construindo-se e ganhando significado. Considerar a afetividade como elemento imprescindível no processo ensino-aprendizagem é reconhecer o ser humano como totalidade, dotado de emoções e sentimentos que o afetam diariamente e implicam diretamente em seu modo de ser, pensar e agir.

3.1 O Contexto da Pesquisa: Escola Municipal Beatriz Maranhão

O local para a realização da pesquisa foi a Escola Municipal Beatriz Maranhão, está localizada na cidade de Parintins estado do Amazonas, na Rua Pedro Ferreira Gonçalves nº 1886, no bairro de Raimundo Muniz, inscrita sobre o Decreto-Lei nº 90/99 – PGMP, tem como entidade mantenedora a Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Parintins – SEMED.

Em 2018, a escola funciona com 272 alunos, oriundos dos bairros Palmares, Itaúna I e II, Paulo Correa, Bairro da União e Santa Clara, nos turnos, matutino e vespertino atendem de 1º ao 5º ano do ensino fundamental e matriculados 125 alunos de 6º ao 9º ano, no turno noturno a “Educação de Jovens e Adultos – EJA”.

Na Escola Beatriz Maranhão, fomos bem recebidas pela diretora, pelas professoras e pela equipe escolar. O período das observações foi durante Estágio Supervisionado II que nos possibilitou vivenciarmos várias situações peculiares tanto do nosso sujeito quanto o objeto de

estudo. Foi no dia a dia escolar que percebemos de fato em que medida a afetividade pode interferir na forma como os alunos aprendem no processo ensino aprendizagem.

A pesquisa surgiu de uma situação problemática vivenciada durante as observações. No entanto na sala de aula do 3º ano do ensino fundamental fomos recepcionados por todos, nesse primeiro contato foi possível estabelecer uma aproximação com a turma que viabilizou o percurso da pesquisa, a turma é composta por 29 estudantes e uma professora titular responsável pela turma. Assim nos viabilizou permitindo-nos compreender a temática em discussão a afetividade, porém um olhar minucioso na relação professor-estudante.

3.2 Observando a afetividade dos estudantes

A partir do momento que adentramos em sala de aula a aproximação com os sujeitos nos possibilitou observar várias situações peculiares, tanto do nosso sujeito quanto o objeto de estudo como: preconceitos, racismos, diferenças sociais entre os estudantes, observamos também a postura da professora diante dos fatos ocorridos. O ambiente escolar “deve ser estimulante de forma que as pessoas se sintam reconhecidas” (COSENZA, GUERRA, 2011 p. 84). Assim é essencial a valorização envolvendo respeito por parte dos sujeitos envolvidos, sendo de fato valorizados em todos os aspectos.

Na escola todos os tipos de preconceitos afetam o estado emocional do estudante, no entanto, quando não é trabalhado o respeito, as diferenças e as indiferenças, possivelmente o estudante será a vítima das acusações raciais e conseqüentemente sofrerá agressões verbais e físicas. No cotidiano os estudantes vivenciam situações conflituosas peculiares. O professor pode proporcionar um diálogo objetivo, na medida em que o estudante possa resgatar uma educação de valores, assim essa interação pode ser trabalhada constantemente viabilizando um trabalho significativo.

No cotidiano escolar são comuns às situações de conflitos envolvendo professor e alunos. Agitação motora, dispersão, crises emocionais, e desentendimentos entre alunos e destes com o professor são alguns exemplos de dinâmicas conflituais que com frequência, deixam a todos desamparados e sem saber o que fazer (GALVÃO, 2011, p. 104).

O período de observação nos possibilitou analisar as vivências dos estudantes e da professora quanto à relação que estabelecem no processo ensino-aprendizagem. Dentre as muitas situações vivenciadas durante este período, podemos destacar aqui aquelas que mais estão diretamente ligadas ao objeto de estudo desta pesquisa. Nesse sentido, utilizamos alguns

nomes falsos para identificar estudantes que citaremos a seguir. Estudantes como a Ana, o Luís e a Bruna chamaram nossa atenção devido apresentarem emoções e sentimentos de maneira muito evidente.

Ana tem 11(onze) anos de idade. Geralmente enquanto a professora passava atividades no quadro branco, situações desagradáveis aconteciam com ela, como, por exemplo, os colegas a chamavam de “pretinha, cabelo de bombril, feia, preguiçosa”, palavras dessa natureza, na qual percebemos que ela se sentia ofendida e triste.

Assim ao ouvir essas palavras ela comunicava a professora, no entanto, a professora dizia: “Não liga menina, não dar ouvidos aos colegas”! Mas percebíamos o quanto isso a entristecia deixando-a com baixa autoestima. Todavia, as expressões de tristeza, medo e raiva são exemplos de emoção e esses estados tem um enorme impacto do comportamento humano (KANDEL, 2014). Isso era comum acontecer na sala de aula, onde a estudante sempre ouvia essas palavras agressivas dos colegas, palavras que geravam um impacto em seu comportamento afetando o seu emocional de maneira que em alguns momentos também reagia revoltada contra os colegas, percebíamos o quanto isso a afetava de maneira negativa.

Palavras dessa natureza mostram que a injustiça é vivida com tanta intensidade que desvaloriza inclusive a auto-imagem e deixa o sujeito confuso e desprotegido (ARANTES, 2003). No entanto, essas palavras ofensivas além de afetarem o emocional da estudante tem prejudicado o seu aprendizado, pois a mesma não demonstra interesse nas atividades, se ausentando várias vezes da sala de aula o que compromete a realização de suas as tarefas. “as emoções são identificados pelo seu lado orgânico empírico e de curta duração, os sentimentos, mais pelo componente representacional e de maior duração”. (MAHONEY, 2004, p. 17).

Frequentemente levantava para andar entre os colegas, sentia necessidade de ir ao banheiro, sentia sede, apontava o lápis com frequência, conversava com os colegas, algumas atividades não eram concluídas, pois logo era hora de ir para casa. Em relação ao desenvolvimento do estudante é primordial que em suma “o saber-fazer docente é que o êxito de um professor na sala de aula depende, em grandes partes, da atmosfera que cria” (ARANTES 2003, p. 85). Ficou evidente que a atmosfera da sala de aula de Ana não era favorável para a sua aprendizagem, sendo uma atmosfera hostil e triste para ela.

Frequentemente Ana faltava às aulas. Isso compromete ainda mais seu aprendizado escolar, porém ela participa no turno vespertino do projeto Novo Mais Educação. Este projeto ajuda os estudantes com dificuldades de aprendizagem a desenvolverem-se com mais eficácia, pois as atividades são direcionadas exclusivamente para atender as suas necessidades mais

urgentes. Diversas formas de atuação do professor durante as atividades pedagógicas vão qualificando a relação que se estabelece entre o aluno e os diversos objetos de conhecimentos (TASSONI, 2006).

Em relação ao estudante Luís de 9 (nove) anos de idade, este é uma criança tímida, porém percebemos o quanto mostrava dedicação e interesse em aprender. O que chamou nossa atenção foi o fato de Luís saber ler, saber falar, porém na escola e na sala de aula não se ouve sua voz. Fica olhando tudo o que acontece em sua volta. Interagia com a turma apenas por movimentos e gestos corporais, como, usando a cabeça, os dedos das mãos e também expressões faciais. “As expressões faciais são um meio pelo qual os estados emocionais internos e intenções ocultas dos indivíduos se tornam acessíveis como sinais externos, desempenham um papel essencial na cognição social” (LENT, 2016, p. 261).

Dentre as diversas atividades impressas no quadro branco, percebíamos que Luís fazia uma leitura silenciosa dos enunciados, e as respondia usando a linguagem escrita. De acordo com (COSENZA, GUERRA 2011, p. 98) “a linguagem escrita é capaz de representar os sons da linguagem por meio dos sinais gráficos”, que por sua vez escrita é uma ferramenta que possibilita a professora avaliá-lo seu conhecimento.

Diante de algumas atividades, ao surgirem dúvidas do conteúdo, Luís buscava comunicar a professora. Porém sua timidez não o impedia de concluí-las, sendo um dos primeiros a entregar. Sua timidez não preocupava a professora, pois o seu jeito de ser aparentemente era normal diante de todos que convive naquela realidade. Embora seja tímido gosta de estudar de aprender. Percebemos que Luís em alguns momentos apresentava nervosismos, ansiedade, desconfiança. Os sentimentos são manifestações mais evoluídas e aparecem mais tarde na criança quando se iniciam as representações (WALLON, 1941). Assim é fundamental a postura da professora ao conduzir o seu trabalho para que o estudante se sinta motivado e confiante ao expressar o que pensa e o que sente diante dos outros.

Também no plano da inteligência, podemos os identificar essas preponderâncias expressivas numa fase em que o pensamento se faz acompanhar por gestos, à em que se exerce muito mais em função da expressão do sujeito do que do ajuste a realidade exterior (COSENZA, GUERRA, 2011, p. 77).

Em relação à Bruna de 9 (nove) anos de idade, esta demonstrava ser alegre, extrovertida, comunicativa e também prestativa com os colegas. Geralmente gostava de ficar à frente da turma para cantar as músicas interpretando-as, músicas relacionadas à religião, era perceptível que todos participavam sem medir esforços. Os colegas ficavam felizes no

momento que envolvia as canções, inclusive o Luís que expressava alegria e interagindo com o colega ao lado.

De certa forma ouvir uma música pode manifestar várias reações, pois “a emoção humana, em seu refinamento e desconsiderando até mesmo por uma música e por filmes baratos, cujo poder nunca deveremos subestimar” (DAMÁSIO, 2015. p. 39). Assim através da socialização com música cria-se uma atmosfera alegre, nessa relação que a música se insere no ambiente escolar, percebe-se que os estudantes interagem manifestando suas expressões envolvendo emoções e seus sentimentos mais refinados.

A interação com o outro e a interação com a cultura ampliam o conceito de socialização, a criança tanto podem socializar-se relacionando-se com os membros da família, como também lendo um livro, ouvindo uma música e apreciando uma pintura (WALLON, 2012, p. 81).

O professor quando conhece a necessidade do estudante busca métodos que viabilizam não só no processo ensino-aprendizagem como também no desenvolvimento humano. A interação mediada pela professora e pela família é fundamental para que Luís supere suas dificuldades no dia a dia, ajudando a desenvolver sua autoconfiança. De acordo com Arantes (2003), a família não é a única responsável pela dimensão afetiva do aluno. Portanto, a professora pode representar uma imagem significativa, sua postura perante a turma, e a maneira como ele vai conduzir sua prática pedagógica viabilizando não só o ensino, mas também a aprendizagem de todos.

Além de cantar, Bruna fazia leituras dos livros infantis, estes de pequenos contos, onde os colegas faziam o reconto reconhecendo os personagens e o contexto das histórias. Percebíamos o quanto essa interação com a leitura deixava todos entusiasmados. “Valorizar narrativas, filmes ou histórias com exemplos de prestatividade, solidariedade”, (ANTUNES 2000 p. 118), é uma forma do estudante ser estimulado a buscar cada vês mais conhecimento de outras culturas.

Embora Bruna tenha o hábito da leitura, gostava de criar harmonia dentro da sala de aula, percebíamos que os colegas se sentiam motivados expressando alegria, curiosidade e satisfação, pois em um determinado momento na vida dos estudantes as emoções se manifestam seja por estímulos ou algo significativo em resposta de um acontecimento aguardado ou fantasiado. De acordo com Kandel (2014, p. 938) “alguns estímulos, objetos, animais, pessoas ou situações disparam emoções automaticamente, mesmo na ausência de

experiências”. Assim a atitude de Bruna diante dos colegas cria um clima de confiança quando se envolvem no momento das atividades.

A escola desenvolve as atividades com temas transversais, uma proposta pedagógica que buscava desenvolver no sujeito enquanto estudante, o conhecimento das ciências humanas e sociais, envolvendo em vários aspectos como respeito, os valores, a ética, as diferenças raciais. A professora trabalhou a questão do bullying, este que por muitas vezes traz consequência não só no estudante inserido na escola, mas também no seu contexto familiar. Frequentemente a professora faz uma leitura coletiva dos combinados, este que por sua vez envolve respeito, direitos e deveres, pois os enunciados não eram devidamente cumpridos. “A escola pode utilizar tais medidas para aumentar a eficácia do clima de aprendizagem em suas salas de aula” (ROGERS, 1977, p. 154).

É papel de a escola trabalhar com objetivo de desenvolver nos estudantes conceitos relevantes, na medida em que envolve preconceitos em todos os sentidos, e como prática pedagógica desenvolver trabalho mostrando informações confiáveis que viabilizem os conhecimentos dos estudantes, que os mesmos assimilam o quanto as agressões, as violências trazem consequência tanto à vítima quanto o agressor. Geralmente percebíamos as agressões verbais do colega contra a estudante Ana. Diante disso, o professor “observando atentamente as manifestações do funcionamento mental de seus alunos, ajudará na superação dos obstáculos” (WALLON, 1998, p. 83).

O professor precisa estar atento no comportamento dos estudantes, não o quando os mesmos expressarem alegrias, mas também tristeza, raiva ou medo, e ao mesmo tempo refletir sua prática pedagógica, pois as agressões verbais quando não mediada pelo adulto causa consequências maiores, tanto na vítima quanto no agressor. O professor deve estar atento a qualquer situação desagradável envolvendo os estudantes, na medida em que o ele observa os poderá ajudá-los a superar os conflitos de sua mente e os obstáculos do dia a dia.

3.3 Opinião da professora quanto a afetividade na sala de aula

A entrevista com a professora da turma objetivou analisar sua opinião, metodologias ao trabalhar com dificuldades relacionadas à afetividade enfrentadas no cotidiano escolar durante o período do ano letivo no processo ensino-aprendizagem. A entrevista foi aplicada após o agendamento prévio no período das observações em sala de aula. Assim nos possibilitou conhecermos a prática trabalhada pela professora em relação à afetividade no

âmbito escolar a fim de favorecer a aprendizagem. A seguir tecemos alguns comentários referentes às respostas relatadas pela professora.

Wallon vê o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva. Isto porque cada fase tem um colorido próprio, uma unidade solidária que também é dada pelo predomínio de um tipo de atividade (GALVÃO, 2011, p. 43). No cotidiano escolar são evidentes, as relações que envolvem as dimensões afetivas, as motoras e os cognitivos entre os sujeitos, visto que o desenvolvimento da criança depende do cuidado do professor, esse cuidado vai além de sua profissão na sala de aula. De acordo com Almeida (1999, p. 29) “a inteligência não se desenvolve sem a afetividade”. Todavia é fundamental o profissional da educação pensar as atividades que serão desenvolvidas na sala de aula, construindo o ensino-aprendizagem promissor e significativo. Nessa perspectiva que envolve a afetividade na relação professor e estudantes questiona-se: Como a professora compreende a afetividade no processo ensino-aprendizagem: no seu conhecimento diz que:

Primeiro ponto positivo é o respeito, a dedicação e o ensinamento. A criança já vem de casa com uma bagagem, por exemplo; tem criança que não tem alguém responsável para fazer o seu café. Então chegar na escola desmotivado. Quando a criança tem um responsável pra fazer, vem com muita disposição. Eu presto atenção nas crianças, seu comportamento. Tenho procurado entender o que está acontecendo, eu dou o meu afeto, porque a partir daí eu vejo que eles se aproximam, as crianças fazem perguntas. (PROFESSORA LÚCIA, 2018).

A professora descreve que a afetividade é essencial no desenvolvimento da criança no processo ensino-aprendizagem. Considerando o respeito, a dedicação, o ensinamento e a aproximação como meios fundamentais na formação como pessoa. O respeito pelo estudante na sala de aula. Segundo Galvão (2011, p. 82) é fundamental observar a “criança como uma pessoa completa, integrada, contextualizada, observador da criança em cada um de seus domínios funcionais”. A resposta dada pela professora compreende quando, Bock (2008) afirma a importância da afetividade através do afeto, o que nos permite dizer ao outro o que sentimos.

A professora diz que presta atenção no comportamento do estudante, quando seu estudante chega desmotivado, triste, ela busca saber o que essa criança tem o que está acontecendo, pois a partir dessa conversa na qual o afeto está presente descobre os motivos que deixam os alunos desmotivados, e busca ajudá-lo da maneira que pode. No entanto, durante a observação percebemos a falta de atenção da professora em várias situações. O

estudante Luís, por exemplo, nenhuma estratégia foi desenvolvida para que este estudante desenvolvesse sua fala. Seu comportamento era visto com naturalidade, a turma se adaptou ao jeito de Luís, inclusive a professora. Demonstrava mais preocupada com a quantidade de conteúdos que tinham que ser ensinados, do que com a aprendizagem destes.

Todavia, durante uma aula, a professora chamou a atenção dos estudantes para um diálogo, abordando a questão do estudo, como essencial na vida de cada pessoa. Nesse momento os estudantes ficaram interessados em ouvi-la, percebemos que todos davam atenção às suas palavras. Desse modo, parar para conversar com os estudantes é muito relevante quando pensamos em afetividade na aprendizagem. Isto porque a relação que professores e estudantes estabelecem pode desenvolver afetos, emoções e sentimentos são muito positivo à capacidade de aprender. Para Falcin (2006) o professor também contribui para o estabelecimento de uma relação positiva entre o sujeito e o objeto de conhecimento.

Como diálogo afetivo os estudantes falavam de algumas profissões. Com exceção o estudante Luís que não foi instigado a falar de seus sonhos. A professora instigava-os, eles falavam de seus interesses pessoais com muito entusiasmo. Falar de algo que é importante e pessoal ajuda os estudantes a se sentirem vivos, valorizados e entusiasmados. “O recurso à fala é a representação mental, faz com que variações nas disposições afetivas possam ser provocadas por situações abstratas de ideias, e possam ser expressas por palavras” (GALVÃO, 2011, p. 62).

A afetividade também está presente no estímulo, anseios e sonhos. Qualquer que seja o tema gerador para um diálogo, vai de certa forma afetar o estado emocional de qualquer pessoa. Tendo como tema gerador o estudo despertou interesse nos colegas. Inclusive a Ana que apesar de sofrer agressões dos colegas, é uma estudante sonhadora, demonstrava alegria em falar dos seus sonhos, desejos mais íntimos. Enquanto Bruna expressava felicidade em compartilhar a vontade de exercer uma profissão.

Muito mais do que transmitir conhecimento, o professor precisa cuidar da atmosfera afetiva da sala de aula, da qualidade do diálogo afetivo que estabelece com seus alunos, criando empatia profunda e eterna, construindo para diminuir suas dificuldades de aprendizagem, com afeto, carinho, motivando-os, incentivando-os a dar o melhor de si, para que possam superar seus limites e ter prazer pelo ato de aprender (SHINYASHIKI, 2011, p. 109).

O professor preocupado com seu estudante procura ajudá-lo pra que o mesmo avance construindo novos conhecimentos. Buscando desenvolver a autoconfiança de forma recíproca

na dimensão afetiva e na cognitiva, criando e recriando sua prática. Sobretudo os envolvidos devem ter um vínculo de interesse, dedicação e de responsabilidade. Frequentemente a escola lida com algumas problemáticas ocorridas no contexto familiar, que conseqüentemente afeta o estados emocionais dos estudantes. De acordo com Almeida (1999, p. 29) na sala de aula a “inteligência não se desenvolve sem afetividade”. A preocupação da professora é vê os resultados dos trabalhos escolares. Ficou evidente que a professora precisa considerar que Ana depende dessa dinâmica que envolve a dimensão afetiva e cognitiva para uma aprendizagem promissora.

Diante desse contexto o estudante precisa do apoio da equipe escolar, pois é papel de a escola ajudá-lo para superar os conflitos, e caberá o professor articular os aspectos afetivos e cognitivos, muitas vezes os estudantes não sabem lidar com essas emoções, os seus sentimentos. Para tanto, questionamos à professora: Em sua opinião, a afetividade interfere na aprendizagem dos estudantes?

A falta da afetividade sim. Toda criança é carente, se essa criança chega a escola ela não encontra, ela olha para o professor no olho ela busca algo, ela quer algo, e quando ela não encontra ela fica ali (...) quando a criança não tem na família a afetividade e chega à escola ela encontra barreiras, essa criança não avança (...). O professor tem que prestar atenção naquele que é falante, no que fala pouco, e aproximar do aluno para ter um rendimento, entre os dois (PROFESSORA LÚCIA, 2018).

A professora descreve que a falta da afetividade interfere sim na aprendizagem dos estudantes. Dantas (1990) considera que a afetividade também designa os processos psíquicos que acompanham as manifestações orgânicas da emoção. É um processo corporal e centrípeto que obriga a consciência a se voltar para as alterações interiores e proprioceptivas que acompanham, e prejudica a percepção do exterior (WALLON, 1941).

Destacando que a participação da família no acompanhamento das atividades do estudante é significativa nesse processo do aprendizado, assim a união família e escola devem trabalhar juntos para que a criança avance. Na concepção de Wallon (1941), ao desenvolver-se a afetividade passa a ser fortemente influenciada pela ação do meio social. A afetividade se constitui no processo gradual ao longo da vida.

Durante as observações, percebemos o quanto a professora buscava proporcionar um ambiente escolar harmonioso e afetivo. Geralmente iniciava as atividades falando as boas vindas, em seguida fazia a oração de agradecimento, geralmente cantava músicas dramatizando-as e leituras de livros infantis, proporcionando um momento de alegria e

também de reflexão. Assim, era evidente a satisfação dos estudantes, pois alegria e o prazer em participar refletia no olhar e no sorriso de cada um, o que não ocorria em situações que envolviam os conteúdos.

O ambiente educativo cumpre um papel fundamental na integração das experiências. Ele não se restringe aos espaços físicos e mais abrange também relações interpessoais, a atmosfera afetiva, os valores que e exprimem as ações e as experiências educativas promotora do desenvolvimento humano e que trazem consigo as regras de tolerância, do respeito, da responsabilidade. (OLIVEIRA, 2012, p. 50)

A interação na sala de aula é fundamental para as relações interpessoais. Embora a professora destaque a importância de prestar a atenção no comportamento dos estudantes quando os mesmos expressam alegrias, é fundamental também que observe os momentos que expressam nervosismo, tristeza, vergonha, dor ou medo. A observação da professora com a turma viabiliza uma aproximação podendo compreendê-los nas suas necessidades afetivas, interferindo no processo ensino-aprendizagem.

As emoções precisam ser consideradas no processo educacionais. Logo é importante que o ambiente escolar seja planejado de forma a mobilizar as emoções positivas (entusiasmo, curiosidade, envolvimento, desafio), enquanto negativas (ansiedade, apatia, medo, frustração), devem ser evitadas para que não perturbem a aprendizagem (COSENZA, GUERRA, 2011, p. 84).

A afetividade constitui no processo de desenvolvimento do indivíduo e na relação com o outro, com o meio social. Como afirma Shinyashiki (2011, p. 49) “as crianças felizes, motivadas e amadas por seus professores e pais, desenvolvem mais facilmente suas competências e habilidades”. Isso por que gera confiança de forma afetiva a interação que estabelece na relação professor-estudante é essencial durante o processo do ensino-aprendizagem. A escola é um lugar que os sujeitos se encontram e se relacionam em busca de conhecimentos, dessa maneira é fundamental que as expressões afetivas sejam consideradas relevantes no âmbito escolar. Diante disso, perguntamos à professora quais são as emoções que você mais observar em seus estudantes e se ela sabe o que gera essas emoções.

Eles ficam muito emocionados quando vão fazer educação física, todos ficam felizes. Uma aula que é trabalhada envolvendo a artes, pinturas, desenhos, recortes colagem é um momento alegre todos querem compartilhar, sendo um momento prazeroso das crianças. Aqui na escola o

que gera emoções nos nossos estudantes é a educação física é o momento que eles correm, gritam, brincam. (PROFESSORA LÚCIA, 2018).

Conforme exposto, as aulas de Educação Física e Artes são as que mais mobilizam a afetividade dos estudantes, despertando alegria, motivação, prazer e entusiasmo. Isto porque a criança tem por necessidade trabalhar com o concreto, com o corpo e com diversidades de materiais onde possa manusear. Isto gera em seu cérebro conexões sinápticas que acionam as emoções, o sentido de encontrar prazer naquilo que faz.

A amígdala é um centro nervoso regulador dos processos emocionais. As emoções positivas envolvem também um circuito dopaminérgico que vai do mesencéfalo ao cérebro. Esse circuito está envolvido no fenômeno da motivação que é importante para a aprendizagem. (COSENZA, GUERRA, 2011, p. 85).

É um momento que os estudantes brincam, gritam, correm interagem com os colegas, essa alegria é porque eles são crianças e precisam desse momento para se divertirem pois, através da Educação Física além de gerar emoções nos estudantes, é relevante para o seu aprendizado. Sobretudo porque é um momento de interação com os movimentos corporais, cognição e ao mesmo tempo afetivo, demonstrando um momento prazeroso. Pois segundo Galvão (2011, p. 58) “é na ação sobre o meio humano, e não sobre o meio físico, que deve ser buscado o significado das emoções”.

A Educação Física é um momento de verdadeira interação com seus colegas. Inclusive a Ana, a Bruna e o Luís, estes que ao participarem se divertem com os colegas, expressando seu bem estar, pois brincar também permite uma relação de conhecimento com o corpo, seus movimentos. Na medida em que afetividade faz presente nas vivências.

O brincar das crianças é constituído de constantes ações reflexivas, nas quais a realidade ganha um novo olhar para aqueles que brincam, correlacionando suas vivências ao imaginário, assim resignificando os acontecimentos nas brincadeiras. (GHAGAS, 2016, p. 88).

O desenho “é uma forma de sentimentos e de desejos que podem ajudar, a saber, por exemplo, como se sente a criança a respeito da sua família, sua escola” (BETHÂNIA, 2013, p. 62). Através do desenho é uma forma de conhecer o estudante, suas habilidades e suas vivências seu conhecimento deixando transparecer seu interior e seus anseios. A produção de um desenho desenvolve no estudante sua capacidade de pensar, agir, expor seus sentimentos e seu conhecimento. De fato, percebemos o quanto os estudantes ficam alegres, ansiosos,

entusiasmado, o desenho também trabalha o cognitivo, afetivo e social da criança, porem contribui no desenvolvimento psicomotor.

O desenvolvimento psicointelectual da criança realiza-se no processo de interação com o ambiente natural e social. Conduz o desenvolvimento através da educação significa organizar esta interação, dirigir a atividade da criança para o conhecimento da realidade e para o domínio – por meio da palavra – do saber e da cultura da humanidade, desenvolver concepções sociais, convicções e normas de comportamento moral. O problema mais importante a este respeito é o da relação recíproca entre aprendizagem, educação e desenvolvimento psicointelectual (LEONTIEV, 2005, p. 44).

Ficou evidente que a professora reconhece as emoções no momento que os estudantes demonstram alegria, apesar que tristeza também é emoção. Porém nenhum momento a professora ficou preocupada com outras emoções vivenciadas pelos estudantes, como, raiva, no caso da estudante Ana e timidez, com o estudante Luís. Não percebemos nenhuma estratégia a fim de que essas não fizessem parte do cotidiano escolar. De acordo com (KANDEL 2014, p. 938) os “sentimentos são percepções conscientes das respostas emocionais, que podemos chamá-la de respostas comportamentais”. É importantes percebermos constantemente as expressões corporais dos estudantes, pois a todo instante estão vivenciando novas experiências, novas descobertas diante de um fato ocorrido.

Uma proposta feita em tom animado pelo professor além do interesse que provoca nos alunos gera uma animação muito além daquela desejada por ele. Os efeitos da emoção imprevisíveis e podem surpreender. Além disso, características como a labilidade, o narcisismo e o contágio tem seus efeitos potencializados em contextos coletivos (GALVÃO, 2003, p. 86).

Criar estratégias em busca desenvolver no coletivo, atividades dinâmicas geradoras de afeto incentivadas pela professora, na medida em que desperta no estudante o interesse em novas descobertas de novo aprendizado. Segundo Rogers (1977), situações especiais, o interesse ou a estima podem torna-se o fator mais significativo, para que realmente aconteça à aprendizagem depende de uma atitude que venha a promover a criatividade, um clima incentivador no qual podem surgir ideias novas sutis e exploratórias e processos produtivos. Assim é necessário conhecermos como você trabalha a afetividade na sala de aula a fim de favorecer a aprendizagem.

Eu sempre procuro trabalhar de maneira extrovertida, trabalhando com música dramatizando, a leitura, e leitura dramatizada. Partir desse momento eu começo a descobrir esse momento passa tão rápido quando

estamos fazendo o trabalho com as crianças. Aula interativa tudo no limite, assim não se vê criança com palavrão chamando nome para o outro, esse é um momento prazeroso da emoção (PROFESSORA LÚCIA, 2018).

A relação entre professor e estudante é de suma importância para desenvolvimento no processo ensino-aprendizagem. De acordo com Belotti (2011), o diálogo entre professor-estudante torna-se fundamental na mediação dos conhecimentos, construindo assim um vínculo de confiança. Essa confiança deve ser contínua e podendo está presente em qualquer situação, é de suma importância o professor promover esse desenvolvimento.

Estimular a confiança no grupo e estimular os trabalhos em colaboração. Na sala de aula são importantes os momentos de descontração, e para isso pode-se fazer uso do humor, das artes e da música nos momentos adequados (COSENZA, GUERRA, 2011, p. 84).

Na sala de aula a professora trabalha a questão da afetividade de maneira extrovertida, destacando que através da música cantada e dramatizando-a os estudantes participam tornando um ambiente harmonioso, pois, essa atividade proporciona um momento prazeroso que os mesmos expressam suas emoções. Segundo Almeida (1999, p. 42) a afetividade manifesta-se primeiramente no comportamento, nos gestos expressivos da criança. Assim música que é cantada pelos estudantes contagia ainda mais, possibilita uma harmonia no ambiente escolar uma interação de conhecimento que os envolvidos podem expressar seus sentimentos. As “emoções são respostas transitórias a um estímulo específico no ambiente” (KANDEL, 2014, p. 1223).

Embora a professora relate que trabalha leituras, músicas dramatizadas, durante a observação notamos que a professora fazia apenas a leitura dos livros infantis e após a leitura interagia com os estudantes fazendo o reconto do contexto da história. O fato de ler a história se faz essencial que a professora “tenha a preocupação de não apenas escolher boas histórias, mas também de encaminhar uma boa conversa em torno desses textos” (BRANDÃO, ROSA 2011, p. 42).

Cada história tem uma mensagem, um contexto de lição a ser refletida. Os estudantes gostam de ouvir as histórias narradas pela professora. Os contos também são educativos, os estudantes buscam na leitura, imaginação com a realidade, curiosidade de conhecer o contexto, uma interação onde afeto, alegria, prazer, ansiedade se manifesta. Inclusive Bruna que ama essa interação com os contos dos livros infantis. “Esses espaços necessitam de ações bem-orientadas, organizadas e partilhadas para ganharem vida pedagógica de uma maneira

estruturada” (VEIGA, SILVA, 2012, p. 136). O trabalho escolar com limite atribui aprendizagem que envolve a afetividade na relação professor e estudante e os conteúdos mediados pelas práticas pedagógicas. De acordo com Oliveira (2011):

Os aspectos sociais da abordagem de Vygotsky são claros e diretos. A aprendizagem ocorre com as outras pessoas, sejam os pais, os professores ou as pessoas mais próximas da criança. Para este autor, a cultura influencia tanto quanto os processos do desenvolvimento cognitivo infantil, pelo fato de que o desenvolvimento acontece dentro deste contexto cultural. (OLIVEIRA, 2011, p. 17).

A afetividade na relação professor-estudante, é um processo de relação de confiança, é o sentir-se valorizado, esse primeiro contato com o estudante, pode gerar uma atmosfera de confiança ou desconfiança. O estudante está em processo de experiências, em busca de conhecimento, tudo ainda é novo, pois vê novidade em tudo que se vê. O professor como profissional da educação é fundamental para que este estudante constituiu sua identidade. Porém, é essencial que o professor busque cada vez mais formação em conhecimentos, pois este vão viabilizar o seu trabalho, sua prática pedagógica. Por essa razão questiona-se: Você acha que a afetividade é fator importante na aprendizagem?

Sim. Ela contribui muito. A afetividade do adulto para uma criança tem uma referencia muito grande, a criança se envolve. Os pais o professor são modelo para a criança. Mais o professor educador. O verdadeiro educador é aquele que quer nota 10 (dez) para seus alunos, que se preocupa com os alunos, incentiva os alunos a sonhar, sonha que vai da certo, estudar com responsabilidade. A afetividade envolve organização, o carácter da criança, bom comportamento, motivação, afetividade. Mas todo no limite (PROFESSORA LÚCIA, 2018).

A professora considera que a afetividade é um fator determinante que contribui na aprendizagem dos estudantes. “A afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito a identificar desejos, sentimentos variados e obter êxito nas ações” (SHINYASHIKI, 2011, p. 49). O adulto responsável pelo o desenvolvimento de uma criança/estudante, vai buscar meios que ajudam a compreender tais comportamentos, de emoções, os seus sentimentos, suas atitudes. Pois a criança/estudante inicia a construção de sua própria identidade interagindo com as pessoas próximas ao seu convívio.

Na concepção de Almeida (2012), a criança demanda proximidade, o professor na sala de aula é um modelo para o estudante, assim é fundamental limites com responsabilidade,

postura, organização e no momento das atividades planejamento, atitude e respeito. Seja o professor ou os pais, o estudante precisa de um mediador, para ajudá-lo a superar os desafios do dia a dia, principalmente aos que afetam emocionalmente, deixando-o desmotivado. O professor trabalha criando estratégias para seu desenvolver no estudante autoconfiança.

A afetividade na concepção de Wallon (1941) representa um conjunto de fenômenos funcionais do psíquico, envolvendo sentimentos, emoções e paixões. Os pais e o professor são responsáveis pelo estudante no processo do desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor, nesse sentido a postura da professora é fundamental quanto está desenvolvendo o seu trabalho, de maneira organizada, seu modo de falar, suas expressões faciais, atitudes, pois o seu estudante está observando atentamente.

A valorização do aprendiz com um ser humano imperfeito dotado de muitos sentimentos e potencialidades. O apreço ou aceitação do facilitador pelo aprendiz representa uma expressão operacional de sua fé e de sua confiança na capacidade do organismo humano (ROGER, 1977, p. 149).

O professor educador se preocupa na qualidade de vida do estudante, considerando essencial o vínculo afetivo. “os vínculos afetivos estão relacionados, portanto, à segurança, encontrar no outro a capacidade de garantir segurança emocional e acolhimento” (STERNBERG, 2010, p. 170). Esse vínculo afetivo possibilita conhecer as habilidades, necessidade de aprendizagem dos estudantes, isso facilitará a sua prática pedagógica, na mediação dos conteúdos, e na relação de professor e estudante. Campos (1997) considera que através da fala, o homem não apenas codifica e decodifica as informações, mas também regulamenta seu comportamento, executando a mais simples forma de reflexão da realidade.

O professor educador deve fazer uma reflexão da sua prática pedagógica de maneira processual. Buscando analisar o desenvolvimento do estudante nos aspectos cognitivo e afetivos, observando o seu comportamento diante dos colegas e dos fatos ocorridos. Os estudantes Ana e Luís, apresentaram comportamentos diferentes, que de certa forma interfere no aprendizado deles. Ana que sofre com as agressões verbais dos colegas, não consegue concluir as tarefas. “O ser humano normalmente dá sinais de que tem necessidade de atenção, de estímulo, de consideração, de reconhecimento, de abraço” (SHINYASHIKI, 2011, p. 28).

A professora de certa forma não percebia o quanto Ana e Luís precisam dessa atenção durante as aulas, dessa troca afetiva de se sentir confiante. Que a suas imagens fossem respeitadas e seus talentos e suas habilidades reconhecidas, tanto pela professora quanto pelos colegas. Todavia “qualquer forma de estímulo leva a criança a perceber-se viva e a se sentir

importante. Uma carícia, mesmo que não seja totalmente positiva, serve para eliminar a angústia da criança” (SHINYASHIKI, 2011, p. 29).

A afetividade está em todo momento da vida do indivíduo, se manifestando em várias formas. Geralmente o comportamento de Bruna em relação com a professora e com os colegas, era de aproximação afetiva, expressa bem-estar. Ela se sentia confiante em pedir ajuda para a professora, mas também costumava determinar escolhas, de maneira respeitosa que não interferissem o trabalho da professora, por exemplo, as leituras infantis narradas, o prazer das leituras infantis narradas cantar com os colegas, música interativa, que deixa o ambiente harmonioso. Esses momentos que Bruna interage com a turma busca uma autoconfiança, porém expressa suas emoções, como alegria, entusiasmo, contagiando os colegas com canto.

Tal desafio pode ser superado quando profissionais capazes e comprometidos se lançam no provocante processo de rever ações, convicções, organizações e avaliações e buscam vivenciar a cada dia o trabalho pedagógico com convicção de que é possível fazer uma escola pública de boa qualidade. (VEIGA, SILVA, 2012, p. 136).

A afetividade traz interessantes elementos para que possamos compreender melhor essa dinâmica no contexto escolar. “Todo o comportamento é uma cristalização original, específica de componentes de diferentes dimensões e é justamente a sua composição que proporciona significado ao todo e cada uma das partes” (ARENTES, 2003, p. 130). O comportamento dos estudantes expressando alegria, satisfação, entusiasmo é considerado como emoções pela professora na sala de aula, embora as emoções também se manifestam como raiva, medo, vergonha, tristeza.

No âmbito educacional a afetividade se manifesta de várias formas nos estudantes, por exemplo, na Ana, que expressa tristeza, insatisfação. Bruna, que alegria, entusiasmo, e o Luís, este que expressava nervosismo, vergonha.

Nessas emoções, o papel principal é desempenhado pelo meio interno e pelas vísceras, embora se expressem em alterações complexas musculoesqueléticas, tais como variações sutis na postura do corpo e na configuração global dos movimentos (LENT, 2016 p. 255).

Para que haja a evolução de aprendizado dos estudantes o professor em sala de aula deve priorizar um ambiente estimulante para todos. Um ambiente que afete o estudante de maneira positiva que transmita segurança e amor às crianças. Sem sentir-se segura e amada a

criança não consegue desenvolver todas as suas habilidades cognitivas, pois tais habilidades estão em segundo plano para ela, pois “as emoções são um fator importante na interação entre as condições ambientais e os processos de decisão” (ARANTES, 2003, p. 53). Portanto, apesar de muitos teóricos terem se debruçada sobre a questão da afetividade e da cognição, esta relação ainda se mostra frágil nos espaços educacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sala de aula é um espaço de encontro de sujeitos ativos, onde a afetividade está sempre presente. Todavia, somos pessoas completas, com afeto, cognição e movimento. Nos relacionamos com outros sujeitos, também pessoas completas, e como nós, possuem emoções e sentimentos que se misturam nas relações que estabelecem. Desse modo, a sala de aula é um espaço onde tais relações ganham novos significados sendo a afetividade o elemento que dá sentido a todas as atividades dos sujeitos.

A pesquisa acerca da afetividade e da cognição discutida no decorrer deste trabalho trouxe resultados que reforçaram nosso entendimento da indissociabilidade dos afetos, emoções e sentimentos no processo ensino-aprendizagem. Por meio das técnicas de pesquisa utilizadas evidenciamos que o processo ensino-aprendizagem é movido, ou melhor, ganha sentido, a partir das relações de afeto que são estabelecidas durante o processo.

A pesquisa nos permitiu analisar em que medida a afetividade interfere no processo ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva um caminho que viabilizou analisar os fatos ocorridos na sala de aula envolvendo os sujeitos e nosso objeto de estudo. Para tanto através dos objetivos elaborados ajudou a identificar os sentimentos e emoções dos estudantes em várias situações. Desse modo, a afetividade evidenciou-se por meio de raiva, revolta, medo, timidez, porém, teve momentos que observamos alegria e motivação.

Durante a observação percebemos a falta de atenção da professora em várias situações que envolvem sentimentos e emoções dos estudantes, pois os mesmos necessitam diariamente de atenção, estímulos, de reconhecimento, sentir confiança e segurança no ambiente escolar. A entrevista com a professora permitiu saber sua opinião em relação a afetividade dos estudantes e a aprendizagem. A professora considera que a afetividade é um fator determinante que contribui na aprendizagem dos estudantes, no entanto, nem sempre demonstrava preocupação com as emoções e sentimentos dos estudantes, desconsiderando algumas situações nesse sentido.

Entendemos por meio desse estudo que a afetividade na relação professor-estudante deve ser constituída numa relação de confiança de vínculo afetivo, pois na sala de aula, os estudantes vivem momentos que naturalmente estão propícios a sentir emoções e sentimentos que se misturam com as atividades escolares. Desse modo, a afetividade interfere no processo ensino-aprendizagem na medida em que as crianças ainda não possuem domínio de seus afetos, emoções e sentimentos, deixando muito evidentes comportamentos afetivos que

interferem diretamente na aprendizagem, como a raiva, a tristeza, a revolta, insegurança, assim como também a alegria, amor, motivação etc.

As questões afetivas interferem na vida de qualquer pessoa. Todos nós aprendemos melhor quando estamos felizes, quando nos sentimos seguros e amados. No entanto, as crianças ainda não possuem a capacidade de, por algum momento, deixar as questões afetivas de lado e concentrar-se na aprendizagem dos conteúdos ensinados em sala de aula. Nesse sentido, é o professor, enquanto mediador, que deve estar atento a tudo aquilo que afeta seus estudantes de modo a não permitir que essa afetividade interfira de maneira negativa na aprendizagem deles. Saber lidar com as emoções dos estudantes é fundamental para um bom desenvolvimento intelectual e social, tão necessário em nossos dias.

Referências:

- ALMEIDA, A. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papyrus, 1999.
- ALMEIDA, Laurinda R. **Wallon e a educação**. In: WALLON, Henri: **Psicologia e Educação**. Abigail Alvarenga Mahoney, Laurinda Ramalho de Almeida “organizadoras”. - 11. Ed. – São Paulo: edições Loyola, 2012.
- AMARAL, Suely A. **Estágio categorial**. In: WALLON, Henri: **Psicologia e Educação**. Abigail Alvarenga Mahoney, Laurinda Ramalho de Almeida “organizadoras”. -11. Ed. – São Paulo: edições Loyola, 2012.
- ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola: educandos com firmeza**. Londrina: maxiprint, 2006.
- ARANTES, A. & AQUINO, J. G. (Orgs.). **A afetividade na escola: Alternativas teóricas e práticas**. 4ª. Ed. Summus Editorial. São Paulo, 2003.
- ARAUJO, Ulisses F. **A dimensão afetiva da psique humana e a educação em valores**. In: ARANTES, A. & AQUINO, J. G. (Orgs.). **A afetividade na escola: Alternativas teóricas e práticas**. 4ª. Ed. Summus Editorial. São Paulo, 2003.
- BASTOS, A. V. B. **Psicologia organizacional e do trabalho; que respostas estamos dando aos desafios contemporâneos da sociedade brasileira**. In O. H, Yamamoto, & V. V. Gouveia (Orgs), 2003.
- BETHÂNIA, Maria. **Como interpretar os desenhos das crianças**. Disponível em: <http://www.guiainfantil.com/desenho-infantil/210-como-interpretar-os-desenhos-das-criancas.html>, acesso em 30/06/2018.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares/ Secretaria da Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Eter Calland de Sousa. **Ler e Escrever na Educação Infantil: práticas pedagógicas** – 2. Ed. – Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologia. Uma Tradução ao Estudo Psicologia**. Ana Mercês B. Bock, e Odair Furtado, Maria de Lourdes Trassi Teixeira – 4ª ed. – São Paulo: Saraiva 2008.
- CAMPOS, Danah Martins de Souza: **Psicologia e desenvolvimento humano / Dinah Martins de S. Campos**. – Petrópolis, RJ. 1997.
- CARVALHO, Maria Vilani Cosme T. **Psicologia e educação**; MACEDO, Rosa M. Almeida. In: o processo de desenvolvimento humano explicando por que somos tão iguais e tão diferentes. Maria Vilani Cosme de Carvalho (org.). Belo Horizonte: autentica 2006.
- COSENZA, Ramon M. **Neurociência e Educação: como o cérebro aprende?** Ramon M. Cosenza, Leonor B. Guerra. Porto Alegre: Art. med. 2011.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CRESWELL, Jonh W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto** / John / W. Creswell; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. – 2 ed. – Porto Alegre: Artmed,

DAMÁSIO, Antônio: **O Mistério da Consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si** / Antônio Damásio; tradução Laura Teixeira Motta; revisão técnica Luiz Henrique Martins Castro. – 2ª ed. – São Paulo: Campanha das Letras, 2015.

DAMÁSIO, Antônio. **O mistério da consciência**: São Paulo: campinas das Letras, 2000.

DANTAS, H. **A Infância da razão**: uma introdução à psicologia da inteligência de Henri Wallon. São Paulo: Monole. 1990.

DINIZ, Célia Regina; Silva, Iolanda Barbosa da: **Metodologia Científica: o método dialético e suas possibilidades reflexivas**. – Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN – EDUEP, 2008.

FALCIN, D. C. **Afetividade e condições de ensino: histórias de professores inesquecíveis**. In: LEITE, S. A. S (Org.). Afetividade e práticas pedagógicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

FERRARI, Shirley. C. Der Leila. C. S. **Estágio da puberdade e da Adolescência**. In: WALLON, Henri: **Psicologia e Educação**. Abigail Alvarenga Mahoney, Laurinda Ramalho de Almeida “organizadoras”. -11. Ed. – São Paulo: edições Loyola, 2012.

FERREIRA, A. B. H **Novo Aurélio XXI**: o dicionário de língua portuguesa 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Concepções dialéticas da educação**: Um estudo introdutório / Moacir Gadotti. – 15. Ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

GALVÃO, Izabel, Henri Wallon: uma concepção didática do desenvolvimento infantil / Isabel Galvão. 20. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. – (Educação e conhecimento).

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. – ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antônio Carlos: **como elaborar projetos de pesquisa** / Antônio Carlos Gil. – 5. Ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. **Neurociência na Educação**. Belo Horizonte, MG: ATTA Mídia e Educação. 2010.

KANDEL, Eric R. **Princípios de Neurociência**. Editores, - 5. Ed. – Porto Alegre: AMGH, 2014.

LAVILLE, Christian; DIONE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Minas Gerais: Editora UFMG, 1999.

LENT, Roberto. **Neurociência da Mente e do Comportamento** / Roberto Lent, coordenador. – [Reimpr.]. – Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

LEONTIEV, Alexis. [et al.]. **Psicologia e Pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. São Paulo: Centauro, 2005.

LIBANEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. (Orgs). **HENRI WALLON: PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO**. In: WALLON E A EDUCAÇÃO – 11. Ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MORENO, Montserrat. SASTRE, Genoveva. **O significado afetivo e cognitivo das ações**. In: ARANTES, A. & AQUINO, J. G. (Orgs.). **A afetividade na escola: Alternativas teóricas e práticas**. 4ª. Ed. Summus Editorial. São Paulo, 2003.

OLIVEIRA, Zilma, Ramos de. **O trabalho do professor na Educação Infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.

OLIVEIRA, Marta; REGO, Teresa. **Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto**. In: ARANTES, A. & AQUINO, J. G. (Orgs.). **A afetividade na escola: Alternativas teóricas e práticas**. 4ª. Ed. Summus Editorial. São Paulo, 2003.

PIAGET, Jean. **A tomada da consciência**. São Paulo: Melhoramento, ed. Da Univ. de São Paulo, 1997.

ROGERS, Carl Ranson. **A pessoa como centro** [por] R. Rogers [e] Rachel L. São Paulo, EPU, ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.

TRIVINOS, Augusto N. S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WALLON, Henri. **Origens do Pensamento na Criança**. São Paulo: Maniere 1989.

WALLON, Henri: **Psicologia e Educação**. Abigail Alvarenga Mahoney, Laurinda Ramalho de Almeida “organizadoras”. -11. Ed. – São Paulo: edições Loyola, 2012.

WALLON, Henri: **Uma Concepção Didática do Desenvolvimento Infantil** / Izabel Galvão. 20. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. –“educação e conhecimento”.

WALLON, H. **A Evolução da psicologia da criança**. Trad. Ana Maria Bessa. Lisboa: edições, 70, (1941/1981).

SANIANI, Dermeval. **Escola e Democracia** / Dermeval Saviani. – Campinas, SP: Autores Associados, 2008. –(Coleção educação contemporânea).

SHINYASHIKI, Roberto. **Conquiste seus alunos: livro teórico** – São Paulo: Editora Gente, 2011.

STEMBERG, Robert J. **Psicologia Cognitiva**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

VEIGA, SILVA. **A Escola mudou. Que mude a formação do professor.** / Ilma Passos Alencastro Veiga. Edileuza Fernandes Silva, (orgs). – 3ª ed.- Campinas, SP: Papirus, 2012. - coleção Magistério Formação e Trabalho Pedagógico.